DEFEZA
DE
CECILIA
FARAGÓ,
ACCUSADA DO CRIME
DE
FEITICERIA:
OBRA UTIL
Para deſabuſar as peſſoas preoccupadas
DA ARTE MAGICA,
E ſeus pertendidos effeitos.

LISBOA:

Na Officina da Academ. das Sciencias.
M. DCC.LXXXIII.
Com licença da Real Meza Cenſoria.

PREFAÇAÕ.

REcebe o homem a penas começa a ouvir, e entender, grandes, e infinitas preoccupações. As Amas, ordinariamente groſſeiras, e ſuperſticioſas, ora entretém as crianças com a medonha narraçaõ dos Lobishomens, e das Fantaſmas, que appareceêram nos eſcuros lugares,

[como

[como ſe receaſſe o demonio até a luz de huma vela] ora com os extraordinarios, e maravilhoſos caſos dos Magicos, e das Feiticeiras. Livram-ſe deſtes nocivos erros os Sabios, examinando, e pezando com criterio as opiniões de ſeus primeiros annos. Deſtes abuſos pertendemos ſalvar os noſſos Compatriotas, [que forem menos inſtruidos, e ainda os conſervarem] pelo meio da preſente Traducçaõ, com a qual lhes facilitamos as doutrinas

do

do Original. Paſſáram os tempos, em que ſe rendia cega, e profunda idolatria ás extravagantes Diſquiſições Magicas de Martinho Del-Rio. As grandes luzes, que actualmente illuſtram a Patria affortunada, naõ conſentem que ſó os Catholicos da França, e da Italia, leiam na lingua materna as verdades do primeiro, e terceiro capitulo deſta Obra. Deve chegar a todos eſta verdade, fundada nas ſantas Eſcrituras. Baixou dos altos Ceos o *Suſpirado*

rado : o *Deos de Poder* ſob-jugou, e prendeo *por mil annos* o dragaõ infernal, e ex-tinguio [1] a Magia, e ſeus encantos.

S. P.

(1) Mich. cap. 5. v. 11. *Auferam Maleficia de manu tua, & Divinationes non erunt in te.* S. Hieron. *Quibus ipſe decipiebaris ab aliis, vel deceptus alios decipiebas.* Iſai. cap. 44. v. 25. *Irrita faciens ſigna Divinorum, & Hariolos in furorem vertens.* Tertull. adv. Mar. lib. 4. cap. 25. *Quis alius disjiciet ſigna ventriloquorum?*

S. P. Q. R.

ORDIRAM dous ociosos, e indignos Ministros do Santuario, huma atrevida, e impudente calúmnia em nossos illuminados dias, attribuindo, e imputando á viuva Cecilia Faragó, da terra de Soveria, a culpa de ter morto com maleficios ao Sacerdote D. Antonio Ferrajolo. Merecem os inventores do crime a pena, e exemplar castigo, com que n'outro tempo costumava punir a Lei Rhemnia os impostores. Estes fa-

 mosos

moſos homens, que, inſtigados da cobiça, e já de huma conſciencia ſem remorſos, maquináram o imaginado delicto, ſaõ os Conegos D. Domingos Vecchiti, e D. Franciſco Biamonte;

A origem da infelicidade da viuva foi o teſtamento de André Gareri, ſeu filho, que, ſeduzido em a ultima hora, inſtituio a D. Franciſco Biamonte por univerſal herdeiro fideicommiſſario dos grandes bens que poſſuia; pondo-lhe a obrigaçaõ de hum perpétuo legado de Miſſas, ditas pelos Sacerdotes da ſua patria; e nomeou a D. Domingos Vecchiti por executor da ſua vontade. Havia já feito Lourenço Gareri inteira doaçaõ de ſeus bens a André Gareri, ſeu filho,

em

em contemplaçaõ do Matrimonio ; mas reſervára o uſofructo para ſi , e ſua mulher (que he hoje accuſada) em quanto viveſſem.

Eſte teſtamento , que naõ podia logo transferir os bens aos chamados , e ſem ſe encherem as condições , baſtou aos aſtutos Conegos para deſpojarem a viuva , naõ ſó dos bens do marido , mas de quantos lhe pertenciam , ou dotaes , ou adquiridos. Reduzida aſſim ao eſtado laſtimoſo de naõ ter de que viver , ſe determinou a demandar os Conegos na Audiencia da Provincia. Sabiam os expertos adverſarios , que proſeguindo a viuva a cauſa lhes tiraria das mãos a pingue herança , que uſurpára

a cobiça, e lançando maõ ardilosa dos enganos resolvêram arruinalla com algum testimunho falso, para impedir, e estorvar o emprendido letigio. Imputáram-lhe (naõ podendo crimina-la com verdade) o crime de feitiçaria, publicando, que ella matára com o poder desta arte ao Sacerdote D. Antonio Ferrajolo, que morreo tisico, e penára enfermo por mais de sinco annos. Deram a entender a Victoria Rossetti, mãi do defunto, que Cecilia Faragó com maleficios lhe matára seu filho, só por ser Sacerdote daquella terra, aos quaes todos ameaçára de matar: e persuadíram-na a naõ sepultar o cadaver. Espalhada a fama do inventado crime, fizeram os Conegos,

negos, aſſiſtidos dos parentes, encarcerar a innocente viuva com a maior acceleraçaõ, ſem permiſſaõ do Juiz, ſem Roſſetti querelar: e em tempo que o Governador das Juſtiças eſtava auſente. Obrigáram ao Agente do lugar, e ao Carcereiro a dar as chaves da cadeia, que juſtamente lhe negavam; e de propria authoridade naõ ſó a prendêram, mas a fizeram carregar de ferros; e aproveitando-ſe da opportunidade deram ſaco á caſa da infelice.

Sobornada Victoria Roſſetti pelos Conegos, começou a fazer em Juizo a figura de querelante a 4 de Fevereiro de 1769. Expoz na Audiencia daquella Provincia a ajuſtada queréla contra

tra Cecilia Faragó, e pedio que ſe tiraſſe devaſſa deſte delicto. Foram commettidas as diligencias á Juſtiça de Soveria, ſendo no entretanto tratada a viuva na prizaõ daquella terra com barbara Africana tyrannia: em fim foi paſſado ao carcere da Audiencia, depois de longuiſſima diſcuſſaõ no Foro do lugar, e no de Roſſetti.

Apreſentada a devaſſa na Audiencia; devaſſa, que provocava enjôo pela ſua deſordem, e ouvida a depoſiçaõ do Doutor Fyſico D. Ignacio Laruſſa, ſe commetteo nova informaçaõ ao Eſcrivaõ Tabelliam Joſé Orla, e ſe pôz a viuva em cuſtodia. Apenas Orla tinha dado princípio a eſte negocio, quando Roſ-

ſetti

ſetti inſtou que ſe fiaſſe o deſempenho deſta diligencia a hum dos Regios Miniſtros daquelle Tribunal; e com effeito alcançou que o Ouvidor D. Raymundo de Elia, Commiſſario da cauſa, executaſſe quanto ſe decretára; e como ſe queixavam, a querelante dos maleficios que matáram ſeu filho, e a accuſada de calúmnia que ordíram Roſſetti, e os Conegos, ſe ordenou informaçaõ ſobre a verdade dos factos.

Eis-aqui, pois, quanto ſe quer eſtabelecer pela devaſſa do Ouvidor: Principia-ſe pela morte de André Gareri, ſuccedida em o anno de 1766, o qual reduzio toda a ſua fazenda a hum legado de Miſſas em beneficio do

do Clero de Soveria: pertende-ſe que Cecilia Faragó ſe eſtimulára gravemente da juſta diſpoſiçaõ de ſeu filho, e demandára ſem razaõ o Clero; mas que oppondo-ſe ás ſuas pertenções, em nome dos Sacerdotes, os piedoſos Conegos D. Domingos Antonio Vecchiti, e D. Franciſco Biamonte; D. Sebaſtiaõ, e D. Antonio Ferrajolo, a viuva os amaldiçoára, e ameaçára com a morte por maleficio; e que com effeito executára a ameaça em o mez de Setembro de 1768, fazendo compor huns pós com feitiços por certa mulherinha Catanzareſe, chamada Anna Scarcello, e fazendo-os lançar ſobre Ferrajolo por Laura Fratto, ſua ſobrinha. Além diſto ſe affirma,

ma, que na manhã de hum Sabbado, que ſe naõ ſabe qual foſſe, em quanto D. Antonio cantava ao orgão da Cathedral, Cecilia Faragó, que eſtava em acto de quem rezava ao Altar, lhe lançára huns olhos taõ malignos, que de repente lhe enrouquecêra a voz; e que dahi em diante ſe obſervára emmagrecer o Padre de dia em dia, e ir empeorando de ſorte, que acabára a vida em o mez de Fevereiro do anno paſſado. Affirma-ſe, que no meſmo dia, em que morreo Ferrajolo, fora a viuva á Cidade de Catanzaro para que Sarcello desfizeſſe os feitiços; e que moſtrando-ſe a feiticeira repugnante, cedêra, em fim, por regalo de cem ducados que lhe offere-

ceo

ceo Armenio Anſelmo, homem de bem, que acompanhava a viuva naquella jornada; promettendo ir a Soveria obrar maravilhas da ſua arte, e reſtituir a Ferrajolo a ſaude, que lhe naõ puderaõ dar dous Medicos. Morreo, em fim, como diſſe, no meſmo dia o enfermo Ferrajolo: foi preſa a viuva; e eſtá já formado hum volumoſo proceſſo em prova da realidade do maleficio commettido.

Eſta famoſa, e pequena novélla que tenho expoſto com a meſma ordem, com que os Conegos, naõ o Fiſco, a tramáram, e ordíram, e com que pertendem ſumir a viuva, naõ ſò foi motivo de grande riſo nos Miniſtros da Audiencia; mas excitou

citou generoſa indignaçaõ em o animo do piedoſo Advogado do Regio Fiſco D. Antonio Brancia, que ha ſeis annos ſuſtenta com exactidaõ, e deſempenho hum cargo taõ delicado, e goza em paz do applauſo univerſal; naõ ſoffrendo ver tentada por peſſoas addictas ao Altar huma taõ negra calúmnia; e concebendo aquelle horror devido ás oppreſsões buſcadas pelas mãos da Juſtiça: moſtrou eſte grande Juriſta com elegancia, e vehemencia, que ſe naõ devia proceder pela devaſſa tirada; mas que ſe devia tirar outra dos que de propria authoridade prendêram a viuva; e com effeito ſe decretou na Audiencia quaſi conforme ao ſeu requerimento

to (1). Deſta determinaçaõ aggravou a querelante para o ſuperior Tribunal; aonde ſe deve tratar hoje eſta cauſa em gráo de appellaçaõ. Eſperaõ os Conegos, patrocinados de hum grande Advogado, que ſerve a cauſa, e ſe explica contra os ſeus nobres ſentimentos, cauſar neſte ſuperior Tribunal á viuva os damnos, e calamidades, que no Tribunal da Audiencia, com grande diſpendio, lhe procuráram; mas em vaõ. Devendo defender a viuva innocente, e opprimi-

(1) Eis-aqui as palavras do Decreto da Audiencia; *Die 23. menſis Auguſti 1769. Propoſita informatione per D. R. O. & Auditorem, viſa inſtantia Regii Fiſci, ipſoque Audito, non procedatur, & caſſetur conſignatio & pro executione Regalis Reſcripti fiat relatio ſuae Majeſtati, & intimetur.*

primida das eſcandaloſas impoſturas, que lhe ſuggerio a avareza, dividirei o meu Diſcurſo em tres capitulos. Moſtrarei no primeiro a natureza, e indole da Magia, e farei ver que todos os ſeus effeitos, que tanto ſe contam, ſaõ inſulſas loucuras de fanaticas mulherinhas; e que naõ obráram bem os Magiſtrados em punir com o delicto huma triſte queixa do cérebro. Em o ſegundo demonſtrarei com as leis da Arte, e com o meſmo Proceſſo, que o Sacerdote morreo como acabam os tiſicos, tendo as circunſtancias que concorrem neſta natural enfermidade: neſte meſmo capitulo moſtrarei a grande impericia dos Medicos, cujas diſpoſições ſe lem nos Autos; e prova-

provarei que as leis diſpõe que ſeveramente ſe caſtiguem. Procurarei pôr em claro no terceiro capitulo qual ſeja o eſpirito das leis, que punem aos feiticeiros, e quaõ injurioſas as impias mentiras de que abunda o Proceſſo; e finalmente, que valor tenham os indicios que ſe uníram para fundamentar hum crime imaginado, e fabuloſo.

CAPITULO I.

No qual ſe moſtra naõ haver Arte Magica.

EM o nobre aſſumpto deſte primeiro capitulo ſe me offerece amplo, e dilatado theatro de Divinas, e Humanas Letras;

tras; mas naõ eſperem de meus pobres talentos aquella exacçaõ, que pede materia taõ delicada; porque ainda que em mim houveſſem as preciſas forças, mo naõ permitte o breve termo de poucos dias que ſe me deo, e foi preſcripto á cauſa. Por eſtes motivos eſpero, que as duras circunſtancias em que me acho, me façaõ digno, naõ de perdaõ, mas de piedade.

Teve origem na ignorancia, e na fantaſia quanto ſe tem crido em o decurſo dos ſeculos ſobre os prodigios da Magia, e do poder daquelles, que hoje com voz Latina chamamos *Magos*, e *Magicos*. Foram os ſeculos nos quaes maior reputaçaõ tiveraõ os Magicos, e as ſuas eſtu-

eſtupendas obras, aquelles em que menos ſe ſouberam as Artes, e Sciencias, e em que menos cultos foram os Povos. As Naçõeſ que mais abundáram, e ainda hoje abundam de Feiticeiros, e Feiticeiras, ſaõ aquellas, cujo clima he menos temperado, e aonde ſe vive com a pia, e dura meninge mais ſujeita á vehemente impreſſaõ do ar. O vulgo, aonde a ignorancia tem o ſeu throno ſobre fundamentos eternos, foi ſempre o pai de quanto ſe imaginou ſobre Magicos, Bruxas, Spectros, Sombras nocturnas. Os Poetas, creadores das fabulas, homens, cujas fibras do cerebro eſtaõ demaſiadamente eſquentadas, e ſonham vigiando, foram os inventó-

ventores de quantas imaginadas, e loucas Deidades adoráram os Antigos. Bebendo os homens os prejuizos com o leite, muitas vezes por culpa de ineptas, e groſſeiras amas, e imprimindo-ſe-lhes eſtes no ſentido commum, eſtabelecêram com o tempo mil eſtranhas opiniões. Quanto em ſumma ſe tem falſamente crido ſobre feiticerias teve origem, ou na ocioſidade de animos ignorantes, ou na enfermidade do cerebro.

He verdade que naõ faltam Authores que ſuſtentáram ſer a Magia huma producçaõ da Politica; e deſte parecer ſe declararam os Inglezes Eſcritores da Hiſtoria Univerſal (1), em a qual

(1) Hiſtoria Univerſal, volume 1. parte

qual eſcrevêram que fora eſta Arte introduzida por aſtutos, e poderoſos Principes, que permittíram em ſeus Eſtados grande numero deſtes vís ſubditos, chamados Magicos, Encantadores, e Aſtrologos, os quaes recebiam inſtrucções dos Primeiros do Governo em os negocios de Eſtado, e depois com ſummo ardil as communicavam aos que continuamente os cercavam. Deixo de averiguar os myſterios deſta profunda reflexaõ, e paſſo a moſtrar claramente, que a ignorancia he quem gera os imaginados deſvarîos de feiticerias, o que ſe vê com clareza pelos effeitos contrarios, que produzíram as Sciencias. Examinarei primeiro que caſo

14. dos Judeos, capitulo 7.

caſo fizeram da Magia os que por ſeu ſaber foram famoſos na Antiguidade.

Nos Gregos Eſcritores, por quem devo começar, o meſmo vocabulo que quer dizer *encantos* (1), ſignifica tambem *impoſtura*. Querendo Vopiſco (2) dar huma idéa da eſtimaçaõ, que na Grecia teve a Magia, faz dizer a Apollonio, que a força da Arte Magica conſiſte no engano, e na loucura dos enganados; mas que he verdadeiramente Arte, porque dá lucro aos que nella ſe fingem doutos. Aſſim eſtimáram os Filoſofos a noſſa Magia.

Plutarco, Author de immortal merecimento, eſcreveo a vi-

(1) É *Manganeia* (2) Vopiſc. in Aur.

da de ſetenta Filoſofos. Laercio nos deo a vida, as obras, e os ſyſtemas, naõ de ſetenta, mas de quantos foram célebres. Antes deſte, Sexto Empirico, e Eunapio eſcrevêram ſobre as vagas opiniões, e doutrinas de naõ poucos Sabios; e conſervamos hoje os ſeus Opuſculos. De todos eſtes ſe naõ acha hum ſó, que nos diga ter havido Filoſofo, que ou cuidaſſe em Magia, ou déſſe credito as vãs, e ociosas cantilenas deſta Arte.

Platão, hum dos mais illuminados, de quem tanto ſe deſvanece a meſma Grecia, fallando contra os Sofiſtas, põe os Magicos em o número dos Charlatães, e Chocarreiros (1), e no

(1) Chama-lhe *Thaumatopoioi*, termo, que

no Livro das Leis (1) cenſura o coſtume dos que perſuadem que fallam com os mortos, e que fazem encantos; os quaes enganos ſe naõ podem deſtruir com facilidade: e muito ſe enganam os que materialmente ouvem, ou lem o que elle diz em os ſeus Dialogos dos demonios aſſiſtentes, entre os quaes metteo o favoravel Genio de Socrates, ſeu Meſtre. Eſte admiravel Filoſofo eſcondia debaixo de myſterioſas ſentenças os theſouros da ſua ſabedoria; de ſorte, que ſe eſtabeleceo em hum lugar (2) deverem-ſe curar os animos com a virtude dos encantos, expli-

convém aos Charlatães, e aos Magicos.

(1) *Tom.* 2. pag. 598. (2) Apoll. Socr. t. 2. p. 155.

explica em outro q̃ os bons diſcurſos ſaõ aonde ſe fórma, e pule o animo (1). Ariſtoteles, que eſcreveo para gente de nobre entendimento, naõ podia fallar das indignas frioleiras da plebe: calando as vilipendiou. Todos os Peripateticos, que foram innumeraveis, concordáram com elle. Foram ignotos os arcanos da Arte Magica a Democrito, Epicuro, e Pythagoras; nem os ſeus ſyſtemas davam lugar a tal crença. Naõ houve, em fim, naquella culta Naçaõ hum ſó Filoſofo, que ou foſſe entendido na Magia, ou rendeſſe vaſſallagem ás ridiculas bugiarîas, com que as velhas do ſeu tempo charlataneavam.

Naõ

(1) Ibidem.

Naõ ha Hiſtoriador Grego, que memoria faça das maravilhas da Magia acontecidas na Grecia, nem de couſa alguma que ſe lhe poſſa attribuir. Que couſa mais admiravel, e digna do que eſta ſe poderia tranſmittir á poſteridade? Nem a diligencia exacta com que eſcrevêram nos dá motivo para julgár que o occultáram. Lemos em Herodoto, que he o ſeu Hiſtoriador mais antigo, que na Perſia eram chamados Magos os que profeſſavaõ interpretar os ſonhos (1), predizer as venturas, e fazer vaticinios; mas por varios ſucceſſos, que delles nos refere eſte claro Eſcritor, ſabemos que foram impoſtores, e taõ perniciоſos

(1) Herod. l. 1. c. 107.

cioſos ao Eſtado, que até tentáram uſurpar os poderes Reaes, e fizeram couſas taes, que os Perſas excitados fizeram nelles univerſal carnagem, que depois ſe chamou Magicidio (1).

Prova Herodoto quam fallazes eram os ſeus prognoſticos com a grande perda de Xerxes, ſuccedida na Grecia, ſendo cauſa hum ſonho, ſobre que lhe prediſſeram plena victoria. Xenophonte ſó conhece por Magos aquelles homens religioſos, que no reinado de Cyro eſtavam determinados para cantar hymnos aos Deoſes, e fazer diariamente ſacrificios a Veſta, e a Jove (2); e o grave Thucidides naõ tem huma ſó palavra em todos os

(1) Herod. l. 3. c. 61. (2) Xenophont. l. 8.

os ſeus livros ácerca dos Magos. Eſcreve Diodoro os prognoſticos, e oraculos dos tempos fabuloſos, mas quaes ſe contavam; porém naõ faz mençaõ de prodigios de Magia de ſeu tempo. Polybio, que entre os Hiſtoriadores merece as primeiras honras, ria-ſe dos Magos, e das ſuas loucuras; e o credulo Dionyſio de Halicarnaſſo, que affirmava darem-ſe (ainda que as naõ vio) apparições, e portentos, os julgou effeitos da Providencia, mas naõ da Magia, porque a naõ conheceo.

Naõ he para deſprezar entre os Gregos o parecer de Strabaõ, o qual eſtimava ſer a Magia hum bello ſugeito de elegantes comedias, mas naõ das noſſas conſide-

ſiderações, e cuidados (1) e querendo no livro decimo definir os enthuſiaſmos, diz, que ſaõ companheiros da charlataneria. Luciano, varaõ de nobres talentos, e que eſcreve com elegancia, e amenidade, teve por patranhas plebêas as palavras dos encantos, os octagonos, os anneis encantados, com que ſe reſuſcitavam os mortos maridos, ſe transformavam os homens em feras, ſe curavam as mordeduras das viboras, ſe tiravam as almas do inferno, e ſe obravam iguaes maravilhas: de tudo zombou, eſcrevendo neſte aſſumpto muitas obras, com que divertio, e moveo o riſo dos ſeus Leitores.

Hippocrates, Author de ſingular,

(1) Strab. liv. 1. pag. 85.

gular, e grande ſciencia, numera a Magia entre os engenhoſos artificios da plebe, da qual ſe oſtentavam ſabios alguns do ſeu tempo, vendendo, e eſpalhando ſaber curar a gota coral, que por iſſo chamáram mal ſacro, e divino (1); e moſtra, que tudo quanto faziam eſtes taes, eram ſó ſimplices ficções para enganar os neſcios, os fatuos, e os ſimplices. Galeno, Commentador das Obras de Hippocrates, perſuadido de que os encantos ſaõ loucuras, julgou couſa indigna eſcrever ſobre eſta materia huma ſó palavra; e Jeronymo Tartarotti (2) ſe engana crendo que eſte eſpirito ſublime,

(1) Hipp. de Morbo Sacro. (2) Tartarot. Apolog. p. 44.

me, em hum lugar das ſuas Obras, approvára os maleficios, o qual lugar o Author da *Arte Magica Anniquilada* moſtrou com ſummo criterio, ſer apochryfo.

Taes foram as opiniões dos melhores Engenhos deſta Naçaõ, a mais douta, e a mais polida. Com igual aviſo, e prudencia conhecêram os Latinos as impoſturas dos Magicos, naõ dando fé ás ſuas loucuras, como nos conſta de Plutarco, que eſcreveo a vida de naõ poucos illuſtres Romanos. Cicero, que pela vaſtidaõ de ſciencia, raros dotes, e qualidades de ſeu eſpirito, merece a coroa entre todos, com que deſprezo naõ deteſtou as loucas extravagancias dos Poetas, que fabuláram torpes

pes Deidades, perdidas em monſtruoſos appetites, e maldades? Com que vilipendios naõ tratou as fatuidades dos Egypcios, os prodigios dos Magicos, e todas as indecoroſas opiniões, que ſegue o vulgo inconſtante, e ſuperſticioſo (1)?

Eſte grande homem naõ perde occaſiaõ, em que deſacredite a Aſtrologia dos Caldeos, a Meteoronomia dos Etruſcos, as predicções das Feiticeiras, e os Aruſpices de todos os Povos. Horacio, o maior Filoſofo dos grandes Poetas, naõ ſo collocou a Ma-

(1) Eis-aqui as ſuas palavras; *Cum Poetarum autem errore conjungere licet portenta Magorum, Aegyptiorumque in eodem genere dementiam, tum etiam vulgi opiniones, quae in maxima inconſtantia veritatis ignoratione verſantur.* Cicer. de Nat. Deor. lib. 1.

a Magia em o número dos ridiculos, e inſulſos deſpropoſitos; mas foi de parecer que o varaõ ſabio, e de bem, devia ter o animo livre do prejuizo, e de maneira que ſe pudeſſe rir das maravilhas dos Magicos, das Bruxas, dos nocturnos Lemures, dos prodigios Theſſalicos, e de toda a Magia (1) Tito Livio, Hiſtoriador igual á gravidade Romana, faz muitas vezes menção de Aruſpices, e de prodigios, os quaes, ſendo annun-

(1) Naõ ſe póde deſejar Poeſia mais clara, na qual exprime Horacio o conceito, que fazia dos Magos. Falla a hum ſeu amigo:

Non es avarus: abi. Quid? cactra jam ſimul iſto
Cum vitio fugere? caret tibi pectus inani
Ambitione? caret mortis formidine, & ira?
Somnia, terrores magicos, miracula, ſagas,
Nocturnos Lemures, portentaque Theſſala rides?

annunciados ſe regiſtavam em os Annaes; porém nunca falla, ainda que era Eſpectador, de magicos encantos. Ceſar, que naſceo, e foi creado para Senhor do Univerſo, alma verdadeiramente heróica, vilipendiou ſobre maneira as ridiculas loucuras das Feiticeiras, e nem as quiz ouvir. Eſcreveo Cornelio Nepote as vidas de tantos Varoens illuſtres, e nunca faz memoria dos Magicos. Cornelio Tacito, Meſtre da Politica, moſtra em ſeus Annaes a ſimplicidade dos que correm atraz da vã gloria dos Caldeos, e arcanos dos Magicos; e ſe conta os maleficios obrados contra Germanico, e os humanos membros deſenterrados, que ſobre a terra

appare-

apparecêram, adverte Lipſio, que Tacito os deſcreve como factos, de que ſó o vulgo ſe perſuadia (1).

Suetonio eſteve taõ longe de crer na Magia, que chama neſcio a Neraõ; porque recorreo a Magicos para effeituar alguns de ſeus deſejos. De propoſito contam Valerio Maximo, e Julio Obſequente os milagres dos Antigos, que hoje no Chriſtianiſmo ſe deteſtam por falſos; porém naõ ſe lê em ſeus Eſcritos memoria alguma das ridicularias da Magia. Deſcreve Ammiano a Delfica cortina, e o annel, que dava as reſpoſtas em verſo heróico (2); mas quem entende as graças

(1) Lipſ. ad Ann. lib. 2. (2) Ammian. l. 29. c. 1.

graças Latinas percebe logo que elle com arte zombava da cortina, e das mais populares crenças. O celebre Plinio he hum dos maiores inimigos, que tem tido a Magia. Eſcarnece em toda a ſua Obra os oraculos, e os encantos: chama aos Magicos, aſtucioſos, e velhacos em occultar enganos; deſcarados, e ſem vergonha em maquinar (1); ſolicitos em vender aos ſimples, com o auxilio da Religiaõ, e da Arte Medica; ridicularias por ſortilegios. Seneca, que entre os Gentios foi raro exemplo de virtuoſos coſtumes, e quaſi ſemelhantes á exacta Moral do Redemptor, nas ſuas Queſtões Naturaes moſtra que os Magicos en-

(1) Plin. Apolog. l. 3. c. 9. e 10.

cantos alcançáram crença em os ſeculos ignorantes, mas naõ quando florecêram Filoſofos (1); e de quanto eſcreve neſte lugar eſte grande Author me ſervirei com juſto motivo em o Capitulo terceiro. Que mais he preciſo dizer? Sparciano, Salluſtio, Floro, Aulo Hircio, e outros de igual celebridade, naõ conhecêram Arte Magica; e todos os Medicos, excepto Marcello, que foi hum fanatico (2), ſouberam, e julgáram pelos damnos, ou vantagens dos ſolidos, e fluidos, a ordem da Natureza, e nunca a Arte de maleficios.

Eſtas foram as opiniões dos V[illegible]es

(1) Senec. Quaeſt. Nat. l. 4. c. 7. (2) [illegible] enſinou que ſe o doente de eſquinencia diſſeſſe, movendo a maõ, *criſi*, *craſi*, *ſincraſi*, ſararia. Naõ ſe póde penſar peor.

Varões illuſtres, de que tanto ſe préza a Antiguidade. Teve a Magia credito naquelles tempos, mas foi na gente do povo: os ſeus ſequazes eram peſſoas idiotas, porque o corpo dos Litteratos a deſconheceo, e deſprezou. A ignorancia he quem faz myſterioſos os arcanos dos Ariolos, e quem cria, e nutre a Arte Magica. Della naſceo o que lemos dos tempos barbaros, nos quaes jazeo inſepulto por muitos dias o cadaver de Silveſtre II, por ſe achar na ſua camara hum livro de Mathematica, cheio de figuras, que entaõ ſe julgou de Nigromancia: taõ cheio de tr[illegible]s era aquelle ſeculo, em que [illegible]morreo (1)! Sabemos de

(1) Pagi in vita Silveſt. II. & Natal

hum erudito Eſcritor (1), que Franciſco Petrarca fora accuſado ao Papa Innocencio VII, por hum Canoniſta, do crime de Magia, por ler Virgilio, reputado naquelles tempos Magico deteſtavel. Achamos que Porta, porque ſabía alguns ſegredos naturaes, fora accuſado de Feiticeiro (2). Refere Monſenhor Davanzati, Arcebiſpo de Trani (3) que no anno de 1690 fora preſo em Florença, pela Inquiſiçaõ da meſma Cidade, o Marquez Scotti, por fazer ver ao povo algumas maravilhas, como quem

Alex. t. 6. Hiſt. Eccl. cap. 1. art. 26.

(1) Gian Rinaldo Carli nella letera al Tartarotti. (2) *Qui me immemorate lanciant, putantes me Magum venefícum eſſe.* Porta in Proemio Mag. Natur. (3) Davanzati nella Diſſertazion de Vampirj.

quem conhecia as occultas bellezas da Natureza; e o Marquez Maffei (1) relata, que elle, e Seguier foram tidos, e preſos por Magicos em Verona, porque nas públicas experiencias, pela virtude electrica, accendêram huma vela, encoſtando-a na agua fria, couſa que ainda ſe naõ tinha viſto, nem ouvido. Aſſim ſuccede ſempre, quando ſe moſtram ao vulgo ſegredos, e verdades occultas.

Foi reputada Magia a Profiſſaõ das Mathematicas em os ſeculos incultos; e no Codigo ha hum titulo, em que ſe dá providencia ſobre o caſtigo dos Mathematicos. Refere Naudé na ſua Apologia dos Homens illuſtres

(1) Maffei nell' Arte Magic. Dileg. §. 4.

ſtres ſuſpeitos da Magia, que antes de Fernando Rei de Caſtella, corria 'a voz de ſe enſinar a Magia Benefica em Salamanca, nas eſcolas de Mathematica que alli floreciam. No tempo dos Longobardos (quando em Italia reinava a ignorancia) era taõ grande a crença de Feitiçaria, que o vulgo matava por ſuas meſmas maõs as mulheres ſuſpeitas deſte crime. Daqui naſceo que Rotaro, Principe, a quem o Author da Hiſtoria Civil (1) tece mil encomios, e que foi o primeiro que deo Leis eſcritas áquelle povo, providenciou como devia ſobre a vida deſtas infelices. Na Germania, antes

(1) Pietro Giann. Iſt. Civil. del Regno di Nap. lib. 4. cap. 6.

antes que foſſe illuminada pela grande obra de Chriſtiano Thomaſio, baſtava ter huma mulher os olhos avermelhados para ſer caſtigada ſeveramente como Feiticeira.

Que confuſaõ naõ devem cauſar nos animos ignorantes as maravilhas da Natureza, cujas cauſas ſaõ occultas, portentoſos os effeitos, infinitos, e inacceſſiveis os caminhos, pelos quaes parece que ſe obram couſas deſproporcionadas ás ſuas forças? Que ha de ſer, ſe até os Sabios, ou naõ conhecem os ſeus profundos myſterios, ou ſe fundam em debeis conjecturas para ſe repreſentarem ſeus interpretes? E com effeito, que admirações naõ cauſáram os grandes portentos da pedra

pedra iman ao Santo Padre Agoſtinho (1), enchendo-o de horror, e eſpanto? Que eſtranheza naõ cauſou a Caio Caligula o ver, pouco diſtante da praia Romana, o ſeu capacete detido por hum pequeno peixe, chamado *Rémora* (2); no qual ha tanta virtude, que baſta unirſe a hum navio, para lhe ſuſpender o curſo, por veloz que navegue, enfunadas as velas (3)?

A quem naõ parecerá deſordem da Natureza ver as borboletas naſcidas de certos bichos, que roem o grão, viverem, e produzirem ſem cabeças, como as

(1) S. Aug. de Civit. Dei, lib. 21. c. 4.
(2) Tillemont na vid. de Calig. art. 19.
(3) Referem a virtude deſte peixinho Ariſt. Hiſt. Anim. l. 2. c. 14. Hoffm. na palavra *Rémora*; e outros.

as vio Garmanno (1)? Reſuſcitarem as viboras affogadas, e ſuſpenſas por tres dias, ſó com as pôr no geſſo? Renaſcerem os braços aos caranguejos, e lagoſtas, como vio Roberto Boile (2)? Virem a ſer todos os pedaços do polypo partido inteiros polypos, como entre outros Naturaliſtas o obſervou miudamente Arrigo Bekero (3)?

Deleitando-ſe obſervam, e averiguam os Entendidos, grandes milagres da Natureza, deſcobrindo diariamente milhares de maravilhas. Viam-ſe eſpecialmente em Inglaterra, e por homens naõ preoccupados, nem fana-

(1) Garmanus de mirac. mortuor. lib. 2.
(2) Boile de util. Philoſ. Nat. part. 2. c. 1.
(3) Beker. na Hiſt. Nat. do Polypo.

fanaticos, torvos aſpectos de mortos; e com ſegurança ſe julgava que ſe levantavam dos ſepulcros, e que eram deputados para encher de medo, e afflicçaõ áquelles, a quem appareciam; mas o douto Bacon de Verulamio, a que alguns perſeguidos recorrêram, os pôz a ſalvo deſte horror, moſtrando com o exemplo da *Palingeneſia* (1) ſer iſto naturaliſſimo effeito da virtude, que

(1) Palingeneſia, iſto he, nova vida, foram ſeus Inventores os Inglezes, os quaes tem feito a experiencia ſobre as plantas, e paſſaros; e eſperamos, que a ſua Academia Real a faça tambem nos homens. Eis-aqui como fazem eſta operaçaõ, ſegundo a deſcreve hum Anonymo Francez, cujas palavras refere Conſtantino Grimaldi na Diſſertaçaõ ſobre as tres Magias. Tomam, por exemplo, huma flor, queimam-na, e depois lhe ajuntam as cinzas, de que tiram o ſal por meio da

que tem as partes ſeminaes para ſe reunirem na meſma ſituaçaõ, que antes de ſeparadas tiveram pela Natureza. Pegou eſte grande Homem de huma bengala, e ferindo a ſombra a deſtruio; e mandando depois cavar o terreno perpendicularmente, ſe achou a oſſada de hum cadaver, conforme tinha predito o egregio Filoſofo. Sabia Bacon a virtude dos atomos ſeminaes,

da calcinaçaõ. Mettem eſte ſal dentro de huma garrafa de vidro, aonde lhe miſturam certa compoſiçaõ capaz de o pôr em movimento. Deſta materia, agitada do calor, ſe levanta a apparencia de hum tronco com ramos, e flor, que renaſceo de ſuas cinzas. Apenas ceſſou o calor, deſapparece o eſpectaculo, e a materia ſe desfaz, cahe no fundo, e ſe reduz ao ſeu cahos. Tornando o calor reſuſcita eſta nova Feniz vegetavel, eſcondida nas cinzas; mas aſſim como o calor lhe dá vida, a ſua falta a mata, e a acaba.

naes, de que naõ duvidam hoje os Perîtos, e de maneira, que na Cidade de Altamura, hum meu amigo fez a experiencia com hum ramo de alecrim, que pôz no fogo em tempo de Inverno, e fechando a janella ſó com a vidraça, achou na manhã ſeguinte impreſſo no vidro o alecrim com ſeus ramos, e folhas, que a virtude das particulas ſeminaes unio, e o grande frio congelou no vidro.

Eſta he a cauſa, porque nos lugares, em que houve grandes batalhas, e carnagem de numeroſos Soldados, e nos cemeterios, aonde entre a immundicia ſe confunde multidaõ de cadaveres, ſe viram muitas vezes pallidas fantaſmas, que ſendo exhala-

exhalações de halitos venenoſos, que os corpos corruptos de ſi lançavam, fizeram nas peſſoas, que amedrontadas as viram triſtes, e lamentaveis damnos, como ſabemos de Conrado Geſnero (1), e outros Authores de grande nota. A gente que por infelicidade vive nas eſpeſſas trevas da ignorancia, até deſconhecem os termos da Hiſtoria Natural, e da Fyſica. Tudo quanto obra a Providencia fóra daquelles limites,

(1) Saõ eſtas as ſuas palavras: *Hujuſmodi legimus noctu in variis locis interdum apparere, praeſertim vero circa Templa, & coemeteria, ubi ex defunctorum corporibus multi, pinguesque halitus prodeunt, quos vulgus conſpectos reformidat, daemones quoſdam, vel manes exiſtimans, idque eo magis, quod afflatus ex eis ſaepe ſint noxii, ſed noxam in halitus hujuſmodi putrefacti naturam rejicere convenit, quam timor etiam auget.* Geſnerus de raris, & admirab. herbis Lunariis part. 12.

mites, que os neſcios lhe preſcrevêram no amplo reino da Natureza, julgam Magia, Fantaſma, e Milagres.

Chegam a iſto as extravagancias da ignorancia. Ha huma planta chamada milfurada, (*Hypericon perforata*) que os Botanicos dizem ſer deterſiva, e diurética; e que a tintura das ſuas flores em o eſpirito de vinho he o melhor remedio para a melancolia, e loucura (1). Os obſeſſos, que quaſi ſempre ſaõ agitados de humores hypocondriacos, e maniacos, recebem deſta planta grandes allivios; mas o povo, que naõ ſabe eſtes myſterios; a crê ſuperſticioſa, e inimiga

(1) Lea-ſe Gerardo no Tratado da Botanica, e Turnefort na Hiſtoria das Plantas.

miga dos malignos eſpiritos; e por iſſo lhe chamáram *Fuga daemonum*, *Affugenta demonios*. As flores do til diſcutem, e ſaõ cephálicas; e por eſta cauſa poſtas de infuſaõ em agua, e tomadas por muito tempo, curam a epilepſia, e todas as doenças, em que as convulſões fazem o objecto principal. Os que no tempo dos Gregos lhe naõ conheciam a virtude, a davam, debaixo de enganoſas ceremonias, por bebida divina aos que padeciam gota coral, doença que ſe reputava divina. A verbena he huma planta muito propria para toda a enfermidade, que procede de cauſas fleumaticas: aproveita nas moleſtias dos peitos, na gota, nas chagas podres, nas deſinterias,

rias, e toſſes inveteradas; e por tantas qualidades lhe chamaram os Antigos *Herva Santa* (*Botané*). Como he cheia de ſal volatil, e de licores acres, enſinou (1) a experiencia ſer apta para moderar appetites amoroſos. Lançáram mão diſto os velhacos, e embuſteiros, e della compunham os filtros amatorios, que vendiam aos crédulos por feitiços. Naſceo daqui fabular-ſe tanto ſobre eſta planta, que, entre muitas frioleiras, ſe aſſeverava, que os Magicos faziam felices, ou deſgraçados aquelles, a quem a davam, ſegundo a maneira, com que ſe tinha colhido, que era com

(1) Com a analyſe chimica ſe lhe tiram licores muito acres, muito ſal volatil, copia de oleo, e terra.

com a mão direita, ou eſquerda, eſtando dentro de hum circulo, e antes de ver o Sol, ou Lua.

O azougue, e o arſenico ao peſcoço livram do contagio; de que Valeſnieri (1), e outros moſtram a razaõ; mas os Padres, e Theologos, que naõ ſouberam Fyſica, reprováram eſte, e outro qualquer preſervativo deſta ſorte como ſuperſtiçaõ. Chama Origenes aos amuletos *mudos effeitos da illuſaõ do demonio* (2), mas porque ignorava que os ſeus benignos effluvios, introduzidos pelos vaſos bibulos na maſſa do ſangue, davaõ a ſaude: naõ ſabía

D que

(1) Valliſn. delle nuova idea del mal contagioſo.

(2) Orig. in tract. 3. in Job.

que Democrito (1) tomando o pam quente por amuleto, lhe ajudára eſte a prolongar a vida; e que Galeno (2) experimentára, que a raiz da peonêa, ligada ao peſcoço dos meninos, os livrava do mal epileptico. Sabemos de Caſtrodo (3), que a herva pé de gallo, enrolada nos pulſos, coſtuma livrar das febres. Poderia apontar mil outras ſemelhantes phylacterias, ſe quizeſſe dar relaçaõ miuda, e completa.

Prendem-ſe por Magicos os que ſem prejuizo proprio apanham, e trazem comſigo vivas as

(1) Diog. Laert. lib. 9. de vitis Philoſop.
(2) Gal. de ſimgl. medicam.
(3) Caſtrod. dell' Iſt. Crit. de' ſegni, tom. 5. cap. 1. eſ. 4.

as viboras; porém Mizaldo (1) enſina ſer hum effeito do rabão, com o qual o que esfrega as mãos, póde manejar ſeguramente os animaes venenoſos. Deſcobrem Caſtrodo (2), e Matta (3) os enganos dos que ſe faziam crer Magicos por apparecerem luminoſos no meio das trévas, advertindo-nos ſer iſto hum effeito do licor de Kunkel, ou do phoſphoro luzente, que torna brilhante o que com elle ſe esfrega. Para deixar mil exemplos, baſta lembrar-nos da luz, que, nos altares dos idolos, per ſi meſma corria de hũa lampada acceſa para a outra apaga-

(1) Miz. de mirabil. rerum. (2) Caſtrod. eſemp. 9. della citata Iſt. Crit. (3) Matta part. 3. c. 11. de Canoniz. Sanctor.

da; ſendo iſto, que ſe julgava virtude diabolica, puro engano dos Sacerdotes gentios. Refere o mencionado Caſtrodo, que Cornelio Agrippa, e Alberto o grande, nos enſinam proceder eſte effeito de certas hervas, que tem virtude de attrahir o fogo; e apontam huma, chamada *Apoxis*. Moſtrou Euſebio na ſua Preparaçaõ Evangelica (*l.* 4. *c.* 1.), que os Oraculos dos Gentios foram enganos dos Sacerdotes; confeſſando-o elles meſmos muitas vezes na preſença dos Magiſtrados Romanos; e Bernardo Fontenella inteiramente o moſtra na ſua judicioſa *Hiſtoria dos Oraculos*.

Houve peſſoas que tiveram propriedades extraordinarias, ou para

para prejudicar com ſeus effluvios malignos, ou para recrear com os benignos, e dar força, e ſaude. Curava o Rei Pyrrho com o pollegar do pé direito os eſplênicos. O Imperador Veſpaſiano com a ſua ſaliva, e com o contacto, ſarava muitas eſpecies de doenças. Refere outros exemplos o Padre Leonardo Viaro, cujas palavras tranſcrevo (1). Pare-

(1) *Quoramdam hominum corporibus partes innatae leguntur, quae mirabiles vires habuerunt; nam Pyrrhus Rex in dextro pede pollicem habuit, cujus tactus lienoſis, ut diximus, medebatur, quem cremari cum reliquo corpore non potuiſſe tradunt. Sampſonem, ut ſacrae Litterae perhibent, in capillitio mirabilem virtutem continuiſſe credimus, qua quibuslibet adverſis rebus reſiſtere poterat. In Hiſpania ab ocularibus teſtibus audivi, quoſdam homines fuiſſe, qui* Salutatores *vocabantur, qui ſalutationibus quoque incredibilia faciebant, etiam canum morſus curantes. Hi hodie in Gallia, & Burgundia*

Parece taõ certa producçaõ da Arte Magica curarem-ſe de longe as feridas, que até he eſte hum dos caſos, por que póde proceder o Santo Officio (1), ſendo, porém, a cauſa huns pós ſympathicos, deſcritos por Guilherme Digbeo (2), Chanceller de Inglaterra, por Nicoláo Papi-

dia eſſe dicuntur. Quando enim aliquis ſeptem filios maſculos, & inter eos nullam foeminam ſuſcepit, ſeptimus hanc mirabilem virtutem habere creditur. Veſpaſianus quoque a natura donatus legitur, ut tactu, & ſaliva, & quandoque ſine his, plurimis morborum generibus mederetur. Odorem praeterea ab Alexandro exiſſe legitur, qui omnes mirum in modum delectabat. Rex inſuper Galliae haereditariam virtutem per manus traditam habere perhibetur, ut quoſcumque ſtrumis laborantes, atque affectos tetigerit, ſanos reddere valeat. Vair. de faſcin. lib. 1. cap. 11.

(1) Piſtachius de ſuperſt. cap. 21. n. 5.

(2) Digbaeus de orat. pulv. ſympathicae.

Papinio (1), Arrigo Mothi (2), Chriſtiano Fromanno (3). Faz tambem eſte effeito o unguento armentario, de que falla Franciſco Bacon (4), e Joaõ Baptiſta Porta (5). Esfregam-ſe huns bocados de panno molhados no ſangue do ferido com eſte unguento, e com os pós, e por effeito das exhalações ſalutiferas do remedio, que vaõ tocar as feridas, ſara o doente.

Deve ler-ſe o incomparavel Roberto Boile (6), que fez repetidas experiencias para moſtrar a força dos effluvios ſubtís da gomma

(1) Papinius in differt. de pulv. ſympat. (2) Moth. de pulv. ſympat. (3) Fromann. de faſcin. (4) Bacon in Sylv. ſylvarum. (5) Porta l. 8. cap. 2. Magiae natur. (6) Boile de tentamin. Phyſiol. de experim. quae non ſuccedunt.

gomma de alquitira, do vitriolo, e outras drogas. Refere eſte Authoꝛ, que lançando-ſe os pannos, iſto he, os bocados do panno, como acima, em o gelo, ou chegando-os ao calor, ſente o doente, ſegundo aonde os lançáram, frio, ou calor nas feridas.

Deſta maneira, e por eſta cauſa, eſtando dous inſtrumentos muſicos de igual grandeza em huma caſa, ſe ſe toca a corda de hum ſemelhante á do outro, por ſi meſmo ſe move no contrario a corda uniſona. Poſtas tambem duas agulhas de marear em mediocre diſtancia, ſe ſe mover em huma agulha tocada na pedra iman, per ſi ſe move a outra no meſmo tempo: já ſervio

vio iſto para os que ſe naõ podiam communicar de perto, communicarem por eſte meio as idéas mutuas (1). Antonio Mizaldo (2) nos diz, que a vara de aveleira tem propriedade para deſcobrir na terra os metaes, inclinando-ſe toda por ſympathia, quando com elles ſe encontra. Eſta he a famoſa, e célebre *Varinha Divinatoria* dos Magicos, taõ conhecida em França, em Inglaterra, e em outras partes; de cujo uſo innocente ſabiamente

(1) Salmuth. ad Pancirol. de rebus memorab. recens inventis p. 2. t. 11. (2) *Tanta eſt virgulae ex corylo cum metallicis ſympathia, quod ſi recta per montes, & loca in quibus ſunt fodinae, & latent metalla, deferatur, illico flectatur in tranſitu; alibi recta ſtat. Haec apud Georgium Agricolam in libro de foſſilibus, & metallicis.* Mizaldus lib. 1. mirabilium naturae.

te nos falla Vallemont, referindo a approvaçaõ de vinte e ſinco Eſcritores.

Quem naõ ſabe o poder, e os Myſterios da Natureza, tudo lhe parece ſuperſtiçaõ. No conceito deſtes ſaõ Magicos os Charlatães, e os Impoſtores; ſaõ Magicos os Mathematicos, e os Filoſofos, e todos os q̃ ſabem as occultas maravilhas, que a Botanica, ou a Chimica enſina. Saõ para eſtes ſuperſtições os amuletos, fantaſmas os halitos dos cadaveres, obras diabolicas as plantas ſalutiferas, milagres as impoſturas dos Sacerdotes Gentios, e Magias todas as producções deſconhecidas, ou ſejam da Arte, ou da Natureza. A Arte Magica, como tenho demonſtrado, teve o ſeu naſci-

naſcimento na opiniaõ da gente imperîta; criou-ſe, e creſceo no ſeio da ignorancia dos povos, nos ſeculos incultos, e entre as mais barbaras Nações: já mais a eſtimáram os Sabios, que conheceo a Antiguidade, e ſó por ignorancia craſſa tem hoje lugar nas mais ordinarias producções da Natureza.

Moſtrada claramente a primeira, vaſta origem da Magia, paſſo á ſegunda, que comprehende a Fantaſia enferma. Definio Jamblico naõ ſer a Magia ſenaõ huma perturbaçaõ do cerebro, e engano da fantaſia: *Ea, quæ faſcinati imaginamur* (eſtas ſaõ as ſuas palavras) *praeter imaginamenta nullam habent actionis, & eſſentiae veritatem.* He na verdade

dade grande, e extraordinario o poder da noſſa imaginaçaõ, e ſaõ taõ numeroſos os ſeus eſtupendos effeitos, que por muito que delles ſe tenha eſcrito, ainda naõ temos completa hiſtoria do ſeu poder. Ella he a origem de todas as extravagancias dos mortaes, que ſaõ innumeraveis, e infinitas, e ſoffre mais ordinariamente perturbaçaõ, e deſordem na idade tenra, quando

——— *La ruſtica nutrice*
Nell' ore brune al focolar tien fermi
I pargoletti ad aſcoltar ſue fole
Inſpiranti ſtupor. Magiche note,
Maligni ſpirti, grida al letto inteſe
Anzi 'l morir da chi vedove oppreſſe, *E l'*

E l' orfano frodò de' ſuoi diritti.
Narra d' irrequiete anime uſcite
Dall' orror della tomba, onde a' ſuoi falli
Naſcoſti in vita alleviare il peſo.
Narra di ſpettri, e di fantaſmi erranti
Di buja notte pe 'l ſilenzio tetro,
Narra lo ſcroſcio delle lor catene,
E come fan degli omicidi al letto
Ondeggiar ſpeſſo la Tartarea face.
Quelli ſovente arretranſi, e l' un l' altro
Guatanſi muti, e traggono ſoſpiri,
Che il ribrezzo interrompe, e la paura (1) As

(1) Ill. Dott. Akenſide nei Piaceri dell' Immaginazione.

As Hiſtorias de todos os ſeculos miniſtram de ſuas grandes forças innumeraveis exemplos. Querendo fazer memoria de alguns, tranſcreverei o que hum elegante Author (1) nos conta de Marco Bruto. » Era eſte varaõ naõ leviano, ou viſionario; mas de muito juizo, guerreiro, e letrado: achando-ſe, porém, em Macedonia penſativo, e opprimido com o pezo de huma aſpera, e ſanguinoſa guerra contra Octavio, e Octaviano, a quem era inferior em forças; e revolvendo em huma noite em ſeu affligido penſamento o duvidoſo exito da batalha, e os funeſtos

(1) Girolam. Tartar. lib. 2. cap. 3. del Congr. Nott.

» ſtos effeitos, que lhe ſeriam
» taõ nocivos, e á meſma Pa-
» tria, ſe lhe figurou ver hum
» deſmedido, e horrivel Spe-
» ctro, o qual ſendo pergunta-
» do quem era, e a que vinha,
» lhe reſpondêra, que era o ſeu
» Genio infeliz, e que nos cam-
» pos Filippicos o tornaria a
» ver. Deſta maneira lhe pre-
» diſſe a rota, que experimen-
» tou pouco depois, e o gol-
» pe crú, com que elle meſmo
» ſe matou. Plutarco, que re-
» fere eſte facto, diz, que ape-
» nas deſapparecêra a ſombra,
» ſendo os ſervos de Bruto per-
» guntados, depozeram, que
» nada víram, nem ouvíram; o
» que parece convencer, que
» Bruto ſonhava; porque, ainda

que

» que os ſervos naõ ouviſſem as
» vozes do Spectro, teriam ou-
» vido as de Bruto, proferindo-
» as ſó por cauſa da fantaſia. A
» inquietaçaõ do ſeu eſpirito,
» entre mil cuidados, e mole-
» ſtos penſamentos, era o mo-
» tivo, que produzia no ſomno
» taõ triſtes, e melancolicas fan-
» taſmas.

Deſcreve Horacio (1) hum hypocondriaco, o qual ſe lhe accendia taõ viva, e fortemente a fantaſia, que ſe lhe repreſentava gozar a viſta de ſoberbos eſpectaculos, e delicioſos jardins; de maneira, que curado pelos amigos com o elléboro, depois ſe laſtimava de que o tinham privado, e affaſtado de hum

(1) Horat. lib. 2. Epiſt. 2.

hum erro taõ agradavel. Torcato Taſſo, Poeta grande, mas de humor melancolico, viveo eroto-maniaco por eſpaço de quinze annos: diariamente ao naſcer da Aurora ſe lhe apreſentava huma figura, com quem fallava, e ſuaviſſimamente diſcorria: muitas vezes accomettendo-o a maior força da illuſaõ, naõ vendo, nem ouvindo os ſeus amigos ſenaõ ao meſmo Taſſo, ſe laſtimavam, e condoîam dos enganos, a q̃ infelizmente o conduziaõ os eſpiritos animaes (1).

Saõ innumeraveis os exemplos deſta claſſe. A imaginaçaõ he apta em todos os homens para obrar com igual eſtranheza, porque aſſim pede a razaõ do

E ſeu

(1) Giambatiſta Manſo nella vita del Taſſo.

ſeu mecaniſmo. Eſta faculdade faz, que a noſſa mente veja preſente os objectos auſentes; he quem os augmenta, diminue, combina, e quem tudo repreſenta corporeo, ainda que corpo naõ tenha. Põe-ſe em actual exercicio por meio do movimento undoſo dos eſpiritos animaes, o qual o communica nas fibras do ſentido commum, aonde reſidem as idéas como preſas. Tudo quanto faz irregular eſte movimento, e demaſiadamente elaſticas, e móveis as fibras, perturba, e deſordena a imaginaçaõ. Deſte eſtado, e diſpoſiçaõ ſe póde crer a abundante affluencia de ſangue na ſubſtancia do cerebro, a qual ſuffoca em algumas fibras o movimento, e em

em outras o augmenta; e da meſma ſorte obra a abundancia do ſoro, e da materia tenaz, introduzida nos meſmos vaſos. Excitadas as idéas por internas cauſas, cuida, e affirma o homem que o foram, por objectos externos, que n'outro tempo lhe produzíram iguaes repreſentações. Daqui naſcem as duas principaes eſpecies de delirios, conhecidos pelos Medicos, iſto he, loucos, e melancolicos: o primeiro he, quando ſe delira ſobre todas as idéas, e o ſegundo ſobre huma ſó.

Saõ as mulheres mais viſionarias do que os homens, porque tem as fibras do cerebro, e do cerebello mais elaſticas, e agitaveis, e por iſſo mais faceis a

alterarem-ſe. Os bebados, e os de febre aguda, ouvem, e vem o que naõ exiſte, por cauſa da velocidade, que ſe lhes augmentou no fluido do ſentido commum, e de alguns orgãos dos ſentidos, aonde ſe fazem movimentos ſemelhantes aos produzidos por cauſas externas. Os epilepticos ſentem, por particulares humores que nelles obram, ſabores, a que os Medicos daõ nome de adiaforos, iſto he, que ſe naõ podem pôr em claſſe alguma dos conhecidos. Untam as Feiticeiras a cabeça, e o corpo com certo unguento de huma qualidade muito activa, de cujo compoſto refere Porta os ſimplices. O primeiro he o aconito, que he huma planta venenoſa,

noſa, tanto aos homens, como aos animaes, e a quem Dioſcorides chama *morte de cães, e de lobos* (1). Segue-ſe a cicuta, de quem diz Wepter, que he planta apta para excitar convulsões horriveis, e perda de todos os ſentidos. Depois o ſangue de morcego, e a argentina (2), a ſolda, o aipo de lagoa, o acôro, e as folhas de choupo, que por natureza ſaõ muito calidas. Esfregando-ſe com eſte unguento (3) cahem ſobmergidas em lethargo as inſipidas, e fatuas

(1) Lycoctonum, e Cynoctonum. He a herva, que entre nós ſe chama napello, ou mata lobos. (2) Os Gregos a chamam *Pentaphyllon*. (3) Ha outros unguentos da meſma força, e activade, e Sauvages affirma, (Noſolog. Meth. pag. 629.) que o oleo, que ſe tira das ſementes da datura produz delirios a quem ſe unta com elle.

tuas Lamias; e, em quanto jazem, ſe lhes pintam na fantaſia agitada maravilhoſos vôos; eſplendidos banquetes; indecentes, venéreas danças; e quanto com ardor deſejáram em ſeu acordo.

Eſcreveo Jeronymo Tartarotti Roveratano hum longo Diſcurſo, no qual moſtrou com juizo, que as *Lamias* dos Gregos tiveram origem em a *Lilith* dos Hebreos, de que ſe contavam infinitas patranhas, e que a iſto correſpondiam as Feiticeiras dos Latinos; entre os quaes houve opiniaõ de que hum paſſaro, chamado *Strix*, voando de noite, chupava o ſangue das crianças; e daqui naſceo attribuirſe o nome, e o officio deſte paſ-

ſaro

ſaro ás mulheres malvadas, e perniciosas, que por este motivo se chamáram *Striges*. Descreve depois no mesmo Tratado dos Congressos Nocturnos das Lamias, a Historia da Feitiçeria, e faz ver que isto he a mesma nocturna sociedade de Diana, que entre os Antigos foi huma quadrilha sonhadora de fanaticas mulheres. Na verdade, todas as que se julgam desta sociedade vivem agitadas de negro humor melancolico, e saõ as que se sustentam de manjares, e bebidas prejudiciaes, de que se lhes gera hum humor crasso, e bilioso: vivem em ares frios, e grossos, e saõ ordinariamente, e quasi sempre, mulheres; cujos temperamentos delicados com muita

muita facilidade recebem, e ſe enchem de contos extravagantes, e fantaſticos, e cedem ao effeito, que da untura lhes reſulta na imaginaçaõ.

Firmemente ſe creo na Sileſia, e Moravia, que dos ſepulcros ſe levantavam os defuntos, que faziam mal aos homens, que chupavam o ſangue das crianças, e que appareciam ás mulheres, e aos parentes, com aſpectos da morte. Houve queixas aos Magiſtrados, e nellas ſe lamentavam das enormes maldades que commettiam. Quem o creria! Deſapparecêram os Vampiros, (aſſim appellidavam a eſtes mortos) e mais delles ſe naõ fallou, depois que os Magiſtrados, ſabendo, que a cul-

pa

pa deſtes funebres ſucceſſos era a fantaſia eſtragada, mandáram deſenterrar os accuſados Vampiros, decapitallos, e lançallos no fogo. Eram os Vampiros mera producçaõ do temor, e da melancolia, e naõ podiam extinguir-ſe ſenaõ com filoſofico reparo (1).

Deo-ſe nos tempos mais affaſtados tal credito aos eſpiritos ſuccubos, e incubos, que até ſe cria que eram por elles forçadas, e prenhes as mulheres. Deſta maneira tiveram occaſiaõ naõ poucas donzellas de eſcuſarem, e encobrirem os indecentes deſvarîos da mocidade. Hoje ſe ſabe naõ ſer o incubo ſenaõ huma enfermidade, que accommet-

(1) Tartar. Congr. Nott. lib. 1. cap. 16.

commette os que dormem de coſtas. No tempo do ſomno circula (1) o ſangue com mais vagar, e pela ſituaçaõ horiſontal ſe ajunta nas entranhas, aonde eſtá a origem dos nervos: comprimidos eſtes ſe diminue aquelle fluido, que he em nós o author, e a cauſa do ſentimento, e movimento; e daqui procede continuar a máquina as ſuas acções com frouxidaõ. A reſpiraçaõ, que he huma acçaõ, eſtando debilitada faz que ſe evacue o ſangue dos bofes no coraçaõ em pouca quantidade (2). Além diſto

(1) Porque o movimento de cada fluido vai pelo canal, ſegundo as razões das potencias, que os produzem, os quaes na vigia ſaõ dous, a acçaõ do coraçaõ, e a dos muſculos; e no ſomno, pela relaxaçaõ deſtes, ſó a do coraçaõ. (2) O ſangue na inſpiraçaõ,

diſto na ſituaçaõ de coſtas ſe apoiam as entranhas vitaes ſobre os vaſos ſanguineos, e até impedem que o ſangue ſaia com liberdade dos bofes para o coraçaõ. Nas peſſoas de ſubſtancia facil, e frouxa, e de vaſos brandos, retido aſſim em abundante quantidade, lhes cauſa aquelle ſentimento de pezo grave, que entaõ ſoffrem, e padecem; e movendo-ſe-lhes com deſigualdade as fibras do cerebro pela oppreſſaõ, lhes naſcem juntamente com idéa dos incubos os ſonhos triſtes, e hediondos, e as visões horriveis.

Poderia moſtrar, que muitas vezes

çaõ, por cauſa do ar, ſahe dos bofes, e entra pela veia pulmonar no ventriculo eſquerdo do coraçaõ.

vezes ſaõ julgadas poſſeſſas as mulheres accommettidas de affectos hyſtericos, os quaes lhes daõ forças maravilhoſas; e poderia dizer tambem quanto ſe excitam eſtes nas mulheres havendo trato familiar, e quaõ horriveis ſe façam pelo cheiro do almiſcar. Poderia em fim moſtrar largamente, tendo por guia a Sal Veneziano (1) e a outros Eſcritores illuſtres, que muitas vezes o fallar varias linguas, que ſe attribue aos energumenos, naſce de enfermidade; mas eu me alongaria demaſiadamente da materia que trato ſobre o poder da noſſa imaginaçaõ. Baſta para complemento ſaber-ſe, que

(1) Sal e Rhodes em a Diſſertaçaõ que traz o Padre Bruno tom. 4.

que da fantaſia ſe originâram as metamorphoſes, e as outras agradaveis fabulas de homens, animaes, e plantas, que os Poetas inventâram; e naõ devo omittir a Circe de Homero, que foi o exemplar da Magica de Theocrito, da célebre Alcina de Arioſto, da Armida de Taſſo, e de outras mais. Da fantaſia procedem as triſtes fantaſmas, que ſe apreſentam aos enfermos, as horriveis visões dos freneticos, e dos moribundos, e tudo quanto falſamente ouvem, e ſentem os dominados da atra-bîlis, e negro humor. Da imaginaçaõ provém as loucuras dos Lemures, ou Duendes, que de noite (ſegundo fabúlam) fazem eſtrondos por entre os forros das caſas:

ſas: della as triſtes appariçõeſ, que mettem medo aos meninos (1), os enthuſiaſmos, as allucinações, e os horrores. Claramente, pois, eſtá moſtrado, que a cauſa das Feiticeiras, dos Magicos, das visões diabolicas, e de toda a magica loucura, foi ſempre a ignorancia dos povos, e a imaginaçaõ perturbada.

Aſſim devia ſer; ſenaõ digam-me: Que couſa he a Arte Magica? He huma Profiſſaõ criminoſa, que enſina as regras do commercio com os demonios, e que por iſſo dá poder de obrar prodigios em damno do genero humano. Póde dar-ſe tal Profiſſaõ? Podem

(1) Dizia S. Jeronymo (Praef. in quaeſt. Haebr.) *Floccipendo imagines, umbrasque larvarum, quarum natura eſſe dicitur terrere parvulos, & in angulis garrire tenebroſis.*

Podem os eſpiritos malignos ter commercio com os homens, e depender iſto do ſeu querer?

Da qual forza fatal, che gli corregge,
O da qual patto ſon legati, e ſtretti?
E' neceſſaria, o volontaria legge,
Che sí gli rende altrui ſervi ſoggetti?
E' talento, o timor quel che gli move
Tant' opre a far prodigioſe, e nove?

Podem desfazer, e vencer a lei da Natureza eſtes eſpiritos mandados pelos Feiticeiros, e Ariolos, oppondo-ſe a quanto diſpõe no Mundo a Providencia com leis eternas? Triſtes de nós ſe verda-

verdadeiro foſſe eſte ſeu poder! Como ſe livraria de genios taõ perverſos a miſera humanidade? Quem poria freio á péſſima indole de tantos malvados, que quereriam ainda com perda ſua profeſſar a Arte de Satanás, ſó para perder, e extinguir os viventes? Haverá quem reſponda, que podem tudo, com permiſſaõ de Deos. Que tem a permiſſaõ de Deos com a Arte Magica? Quem ignora, que póde a ſua Omnipotencia obrar maravilhas, até por meio de inſtrumentos taõ fracos, e ineptos, como os demonios? Porém querem que ſe dê huma Arte, que por meio de circulos, e linhas, enſine a tranſportar os corpos pelos ares, a fazer amaveis os ani-

animaes feroces, a eſcurecer o Sol, e as Eſtrellas, e a tornar as gentes miſeraveis, buſcando-lhes a triſteza do eſpirito, e da vida, e dando-lhes até a morte, da maneira mais barbara, que agradar aos Profeſſores. Póde dar-ſe huma Arte aſſim? Quem naõ vê que ſería dar ao demonio aquelles attributos, que ſó pertencem ao grande Deos de Jacob? Como ſe poderiam diſtinguir os milagres, que o Omnipotente obra, ſe o inferno foſſe capaz de fazer outros ſemelhantes, ſegundo a vontade dos laureados neſta Arte? Além diſto ſería indecoroſo á bondade do Senhor, o crermos que elle permitta a huma vil Bruxa tirar com circulos, e blasfemias, os

bens, a ſaude, e a vida. A pura doutrina, que recebemos da ſanta Religiaõ, que profeſſamos, nos miniſtra idéas mais ſublimes do primeiro Ser Eterno.

Deve notar-ſe, que havendo eſtado preſos tantos Magicos, hum ſó atégora naõ houve, que com os ſeus encantos ſe ſoltaſſe, e deſprendeſſe das cadeias, ou arrombaſſe as paredes, que o encarceravam. Sei muito bem, que para illudirem a força deſte argumento, excogitáram futeis, e falſas razões, entre as quaes he eſta a principal: Que naõ convém á Divina Juſtiça o permittir, que os públicos Magiſtrados ſejam illuſos, e eſcarnecidos, pelas forças da Arte Magica. Mas como ſaõ neſcios!

Julgam

Julgam ſer mais decente ao Altiſſimo defender a honra dos Magiſtrados, do que a ſaude, e vida dos mortaes, cujo damno naõ houve difficuldade em ſe crer permittido aos Feiticeiros.

Eſtes, que profeſſam o ſer Adivinhos, e Feiticeiros, e que por conſequencia devem ter poder de deſenterrar os eſcondidos theſouros, dar ſaude aos enfermos, abater os venturoſos, e obrar milagres, ſaõ homens plebêos, que vivem na maior miſeria; e juſtamente aſſim he, porque ſaõ as vãs oſtentações de ſeus prodigios diſparates, e pataratas. Se foſſe verdade o que os Feiticeiros exaggeram, quem ſe atreveria a accuſallos, ou fazer-lhes a menor injuria, ſem eſperar eſpanto-

ſos effeitos do ſeu furor? Quem naõ offereceria metade de ſeus bens ao que lhe podia uſurpar toda a ſua fazenda?

Mas eu inutil, e eſcuſadamente me detenho buſcando argumentos, com que desfaça a exiſtencia da Arte Magica, quando ella naõ he ſenaõ mentira, e ſonho. Digam-me os que a defendem aonde exiſte? Quem a enſina? Como ſe aprende? Que livro a trata? Quaes ſaõ as regras? Aonde moram os que a ſabem? Em que lugar ſe admiram os ſeus prodigios? Que Cidade livre da Europa conſente que ſe imprima Obra, aonde ſe vejam as regras deſta Arte? Houve nos tempos gentilicos Reis malvados, que naturalmente curioſos

rioſos deſejavam ſaber ſe havia Lamias, ou Feiticeiras, que fizeſſem encantos : tinham ouro, tinham authoridade, e commodidade para o apurarem, e conſeguirem ; mas hum ſó ſe naõ aponta, a quem conſtaſſe com provas claras de alguma obra de Feiticeria. Neraõ, como refere o célebre Plinio, foi cheio de deſejos de conhecer pela experiencia ſe havia Arte Magica ; e ſem conſideraçaõ a gaſtos, a fadigas, e actos de impiedade para alcançar o ſeu fim, chamou quantos Magicos contava o vaſto Mundo, de que era Senhor, e empregou os mais aſtutos do ſeu Imperio, ſacrificando até homens : foi, em fim, inſtruido pelo Rei Tyridates neſtes falſos myſte-

myſterios ; mas naõ podendo aquelle poderoſo Soberano, depois de tantos cuidados, e ſuores, deſcobrir mais do que palavras inſignificantes, e enganadoras, ſe perſuadio finalmente, que era pura demencia a Arte Magica.

Se eu quizeſſe uſar, e valerme de quanto enſinam os Canones, miudamente moſtraria, que pelo terceiro Concilio de Tours, celebrado no anno de 813, em tempo de Carlos Magno, ſe declaráram inuteis os encantos (1). No

(1) He o Canon 42 : e no Corpo do Direito Canonico ſe lê deſte theor ; *Admoneant Sacerdotes fideles populos , ut noverint Magicas Artes incantationesque quibuslibet infirmitatibus hominum nihil poſſe remedii conferre , non animalibus , languentibus , claudicantibusque , vel etiam moribundis quidquam mederi , non liga-*

No famoſo Canon *Epiſcopi*, referido por Burchard, e por Yvo, ſe chama ás Feiticeiras, e ás nocturnas Chorêas, erros, e falſas opiniões (1). Em o Canon *Non obſervetis* ſolemnemente ſe decide ſer impiedade dar credito ás mentiras dos Magicos (2). Impõe dez annos de penitencia o Concilio Trullano, celebrado no ſetimo ſeculo, aos que crem na Magia (3); e póde moſtrar-ſe

ligaturas oſſium, vel herbarum cuiquam mortalium adhibitas prodeſſe.

(1) *Innumera multitudo hac falſa opinione decepta, haec vera eſſe credunt, & credendo a recta fide deviant, & errore Paganorum involvuntur, quum aliquid Divinitatis, aut Numinis extra unum Deum arbitrantur.* Conſ. 26. quaeſt. 5. cap. 12. (2) *Qui Magicis falſitatibus in grandinandis tempeſtatibus credunt... ſciant ſe Fidem Chriſtianam, & Baptiſmum praevaricare.* Conſ. 26. quaeſt. 7. cap. 16. (3) Refere eſte Canon Beveregio no primeiro

ſe com muitos lugares do antigo Penitencial Romano, que admittir, e crer na ſua validade he culpa, que ſe deve deteſtar (1).

Se quizeſſe entrar no exame de

meiro tomo da ſua Obra intitulada *Pandectae Canonum.*

(1) Eis-aqui o que do Penitencial deſcreve na ſua Collecçaõ Burchard, Biſpo de Wormes, em o livro 91. *Credidiſti, aut particeps fuiſti illius credulitatis, ut aliqua foemina ſit, quae per quaedam maleficia, & incantationes mentes hominum permutare poſſit, id eſt, aut de odio in amorem, aut bona hominum in faſcinationibus ſuis aut damnare, aut ſubripere poſſit? Si credidiſti, aut particeps fuiſti, annum unum per legitimas ferias poeniteas. Credidiſti, ut aliqua foemina ſit, quae hoc facere poſſit, quod quaedam a diabolo deceptae ſe affirmant . . . cum daemonum turba in ſimilitudinem mulierum transformata, quam vulgaris ſtultitia boldam vocat, certis noctibus equitare debere ſuper quaſdam beſtias, & in eorum ſe conſortio, adnumeratam eſſe? Si particeps fuiſti illius credulitatis, annum unum per legitimas ferias poenitere debes.*

de quanto eſcrevêram os Padres, e Doutores da Igreja, claramente provaria, que todos julgáram extincta a Magia com a vinda do Salvador. Naõ omitto que S. Irineo, fallando de hum Magico do ſeu tempo, chama impoſturas aos encantos, e embuſteiros aos que os fazem (1). Tertulliano põe a Magia por ſocia da Aſtrologia (2); e S. Cypriano chama aos preſtigios dos Magicos loucura do vulgo crédulo (3). Aſſim os nomea Euſebio em muitos lugares, accreſcentando que os Magicos ſaõ velhacos (4). S. Joaõ Chryſoſtomo deteſtou os incu-

(1) S. Iren. lib. 1. pag. 1. (2) Tertul. de Idol. c. 9. (3) S. Cypr. de Idol. vanit. (4) Euſeb. Praep. l. 3. c. 3. & l. 4.

incubos, e ſuccubos; e numerou entre as fabulas os Spectros, e as Feiticeiras (1). S. Gregorio Nazianzeno tem os encantos por diſparates, e impoſturas (2). S. Clemente Alexandrino, Theophilo (3), Arnobio, S. Athanaſio (4), S. Jeronymo, S. Baſilio, S. Ambroſio, S. Epiphanio (5), S. Joaõ Damaſceno, e S. Ignacio Martyr, que viveo, e praticou com os Apoſtolos, foram uniformes no conceito, que fizeram ſobre a impotencia da Magia. Quanto ao que ſe deve entender dos Magos de Pharaó, que convertêram as varas em ſerpentes, e da Pythoniſſa

(1) S. Joan. Chryſ. t. 4. & 11. (2) S. Greg. Naz. in Exam. tom. 6. (3) Na ſua Epiſt. traduzida por S. Jeron. (4) S. Ath. Incarn. l. 1. (5) S. Epiph. Haer. 21.

niſſa, que revocou dos infernos a alma de Samuel, e outras muitas couſas, que ſe acham nas Eſcrituras, lêa-ſe o Conſelheiro Grimaldi (1), o Marquez Maffei (2), e o douto Joaõ Rinaldo Carli (3), os quaes indagáram, e eſcrevêram neſte ponto com ſummo criterio, o que eu deixo por brevidade.

Por tanto naõ ha Arte Magica. Saõ enganos as maravilhas, que ſe attribuem aos Feiticeiros, tendo por cauſa, ou a Natureza, ou a Fabula, ou a Imaginaçaõ. Devemos, pois, deſprezar a crença de huma Arte embuſteira, naõ fundada nas ſantas

(1) Grimald. na Differt. ſobre as tres Magias. (2) Maffei nel terzo lib. dell' Arte Magic. Ann. (3) Carli nella lett. al Tartar.

ſantas Eſcrituras, convencida de falſa pela razaõ, oppoſta directamente aos Canones, e aos Padres; e contraria ao eſpirito da pura Religiaõ, em que por ſingular ventura de quem defendo, e eſcrevo. Se he fabuloſo o delicto, ſe naõ exiſte hum tal crime, como podia Cecilia Faragó (criminada de ſortilegios (1) pelo Tribunal por ignorancia de termos) ſer juſtamente proceſſada pela culpa de dar feitiços? Que Magiſtrado Filoſofo naõ convirá ſer indecoroſo á ſua authoridade inquirir judicialmente deſtas patranhas do vulgo, e fazer dellas volumoſos Autos? Eſte delicto, ſendo puramente fanta-

(1) Sortilegio he a Arte de adivinhar por meio de ſortes.

fantaſtico, e ideal, deve ſer curado com o elléboro, e he daquelles que ſe extinguem com o deſprezo. Se os Tribunaes quizerem caſtigar as miſeras mulheres, que eſtragáram o cérebro nos deſvarîos da Magia, adquirirá eſta illuſaõ credito nos animos das gentes, e ver-ſe-ha numeroſa multidaõ de ſeus deſacordados, e neſcios ſequazes.

CAPITULO II.

No qual ſe moſtra, que o Sacerdote Ferrajolo morreo por cauſa natural.

AInda que poſſivel foſſe offender, e tirar a vida por Arte Magica, Cecilia Faragó eſtá

eſtá innocente; porque o Sacerdote D. Antonio Ferrajolo, que ſe affirma morrêra por maleficio, acabou naturalmente a vida com huma tiſica, motivada pela impericia de dous Medicos aſſiſtentes. Moſtrarei eſta verdade pelas ſuas proprias depoſições. Veja-ſe, e attente-ſe bem o que depozeram, e o methodo, com o qual procuráram curar o enfermo os Fyſicos D. Pedro Garcea, e D. Pompeo Cundari, juntamente com outros. Depõe Garcea, que em Setembro de 1768 ſe ſentio Ferrajolo *com hum pezo no ventriculo, inapptencia, ſem beneficio da natureza, com vacillações na cabeça, e febre.* Applicou-lhe *hum brando minorativo*, ou purgante, com que alcan-

alcançou algumas melhoras; mas taes, que em poucos dias *lhe tornou o meſmo.* Deſta ſorte julgou proceder a moleſtia de humor viſcoſo no ventriculo, e por iſſo ſer neceſſario remedio, que *desfizeſſe*, *e precipitaſſe*, pelo que ſe determinou a dar-lhe por dez dias a *gomma Ammoniaca*, *o magiſterio de Marte*, *e os pós eſtomacaes de Quercetano.* Grandes remedios! Confeſſa o meſmo Garcea, que tomando taes remedios lhe *ſobreveio huma toſſe ſecca*, *que o provocava a vomito depois de comer*; *e de ſorte que muitas vezes lançára o alimento.* Iſto naõ obſtante depõe que proſeguíra em lhe fazer uſar de remedios *retundentes*, ordenando o *magiſteric da madre*

dre perola, olhos de caranguejo, e o cordeal confeiçaõ; e diz mais, que continuando o Padre eſtes remedios, entrára a ſentir *eſtimulos no iſophago, e na trachea*, o que naõ obſtante lhe aconſelhou *continuar os ſobreditos medicamentos*. Procurando depois deſculpar o ſeu methodo perniciоſo, diz, com manifeſta contradicçaõ: *que ainda que D. Antonio tiveſſe moſtrado alguma melhora, a doença proſeguia com diverſas apparencias, e entaõ com vomitos de huma materia viſcoſa.* A' viſta diſto aſſentou com o parecer de Cundari, e de outros, *que a moleſtia procedia do eſtomago*; e ordenáram *o ſal tartaro vitriolado, como muito proprio, e inciſivo*; porém ingenuamente confeſ-

confeſſa, que deſtes medicamentos *ſe naõ ſeguíra melhoria.* Iſto naõ obſtante, diz mais, que convíéra com outro Fyſico, chamado D. Joſé Dardano, *que o mal provinha do eſtomago*, pelo que lhe applicáram *o eſpecifico eſtomacal de Pedro Poterio*; mas que o Padre o naõ tomára por naõ eſtar em *eſtado de digerir*, *e além diſto enfaſtiado*, *fraco*, *e affligido com tantos remedios.* Depois de ter reduzido o doente a eſtado taõ laſtimoſo, diz o meſmo Garcea, *que lhe fora commettida a elle ſó a cura do enfermo*, iſto he, de o lançar na ſepultura, como logo veremos. Proſegue, que naõ cedendo o mal, ſe queixava o Padre de *huma grande hypocondria*, *de aſſombramentos de*

cabeça, *e de naõ poder engolir*, *por ter a garganta offendida.* Aſſentou entaõ (que juizo!) que o mal *naõ ſó reſidia no eſtomago*, *mas que ſe tinha introduzido no ſangue* (1). Creo ſer conveniente applicar-lhe, em tal eſtado, remedio mais vehemente, qual he *o aço*, *que lhe fez continuar por quinze dias.* He digna de louvor a ſua ingenuidade: depõe que, depois de huma tal cura, a doença, *em vez de ceder*, *avançava*, *e o doente paſſo a paſſo emmagrecia.* Declara, que obſervando os effeitos de huma tal queixa, para elle *ſingular*, naõ pôde determinar (explicaſe elle *baptizar*) a ſua natureza. Sobreveio entretanto ao Padre

(1) Havia hum ſeculo que o eſtava.

dre *o ſalivar materia lymphatica, e viſcoſa*, e emmagrecer de forte, que ſó tinha *péle*, *e oſſos*. Fizeram-ſe-lhe os olhos tranſparentes; e depois de gaſtar tempo em rodeios, diz Garcea, que D. Antonio Ferrajolo *dera a alma a Deos*, o que era de neceſſidade depois deſte methodo curativo.

Proſegue-ſe na ſua depoſiçaõ, dizendo, que junto com o Medico D. Nicoláo Barbiero obſerváram, na preſença do Governador de Soveria, o cadaver do defunto, e que o viram ſecco, com a carne branca, e flexivel em todas as juntas do corpo; e declara, que por eſte phenomeno naõ pudéram fazer juizo ſobre a morte de Ferrajolo.

(nem lhe conhecem o mal depois de morto.) Tinham primeiramente depoſto, ante o referido Governador, que *da flexibilidade do corpo*, obſervada no defunto, ſe viam ſurprendidos. Dando finalmente o ſeu parecer ſobre a qualidade da morte, affirmam poder eſta provir de cauſa natural, de maleficio, ou de cauſa preternatural.

Pela inteira depoſiçaõ do Doutor Fyſico Garcea, e Cundari, ſe póde eſtabelecer, que ſe todos os accidentes, que acompanháram a doença, de que falleceo o Padre Ferrajolo (accidentes, que taõ eſtranhos parecêram a eſtes Medicos) foſſem viſtos, e conſiderados, naõ digo eu por algum Sabio ornado dos

dos altos conhecimentos, que conſtituem o verdadeiro Profeſſor de Medicina, e que Hippocrates deſcreve em muitos lugares; mas por qualquer que pouco tiveſſe praticado nos Hoſpitaes, conſervaría ainda o deſgraçado defunto aquella vida, que duramente lhe arrancáram dous Doutores. Entaõ lhes ſería claro que a enfermidade, além de provir do eſtomago, era huma corrupta tiſica hypocondriaca, produzida pelas cauſas commuas, e ordinarias, na qual ſe podiam eſperar melhoras; mas antes que o mal contaminaſſe os orgãos conſideraveis, e principaes. Se eſtes Fyſicos naõ quereriam incorrer nas penas, que comſigo traz a ignorancia, deviam deixar

xar de nos dizer em ſuas depoſiçõẽs, que o Padre eſtava *hypocondriaco*, *cheio de toſſe*, *em extremo magro*, *e ſecco*, *com dores nas fauces*, *e aſpera arteria*, e finalmente *febricicante*. Era do ſeu dever naõ ignorarem, que a hypocondria no homem, aſſim como o mal hyſterico nas mulheres, he huma affecçaõ nervina, que tem por aſſento a religiaõ inferior do ventre, pelo que os homens, que a padecem ſaõ em extremo ſenſiveis, e irritaveis; e deviam ſaber, que ſe o Medico aſtuto brandamente regula eſta moleſtia familiar, quaſi nunca he de funeſtas conſequencias.

Naõ era huma prova da hypocondria exaltada a difficuldade

de na evacuaçaõ das fezes inteſtinaes? Quem naõ vê que pela eſpaſmodica contracçaõ ſe diminuiam os inteſtinos no ſeu diametro, e que embaraçado o movimento periſtaltico, naõ podiam ſahir as fezes? Além diſto fechados os orificios dos ductos excretorios glanduloſos, com a meſma contracçaõ ſe conſtituiam as fezes aridas mais ineptas ao movimento.

Deſordenado com tantas indigeſtões o mecaniſmo das entranhas, que fazem, e ſervem ao cozimento, era natural accumularem-ſe as materias acres, e vicioſas, e provocarem vomito. Offendidas, pois, as entranhas chylificavam hum ſangue impuro, e pouco apto á nutriçaõ, e daqui

daqui procedia a magreza, e corrupçaõ.

Quem ſabe da compoſiçaõ dos vaſos, e da circulaçaõ dos liquidos, percebe claramente o damno dos bofes, que eſtes Fyſicos nos relatam; porque o chylo naõ ſendo delgado, e correcto, e devendo, antes de ir ás demais entranhas, entrar nos bofes para receber aquelles dotes, que fazem o ſangue homogeneo, e proprio á nutriçaõ, neceſſariamente havia de excitar na tenra pulmonar ſubſtancia, unindo-ſe com ella, os meſmos eſtimulos que moveo no eſtomago. Eis-aqui, pois, o vomito da toſſe *com calor, e ardores*, pela communicaçaõ da trachea com os bofes; e eis-aqui tambem a febre habi-

habitual, e o demais. Naõ encontro entre os ſymptomas indicados hum ſó que naõ poſſa proceder da conſtituiçaõ hypocondriaca do Padre Ferrajolo.

Declaram mais os Medicos, que naõ ſabendo como deviam *baptizar* eſta enfermidade, applicáram ao Padre muitas, e diverſas bebidas, mas que ſempre fora empeorando com eſte curativo. Que eſperança podia haver de huma cura, que tinha por baſe a ignorancia da cauſa, da natureza, e da ſituaçaõ do mal? Eſperavam vantagem dos inciſivos amargoſos, da gomma, e do magiſterio de Marte, applicados a humas fibras teſas, e aridas, com os quaes remedios ſe contrahiam, e encurvavam?

Naõ

Naõ podiam os inciſivos reſolver, e mover os humores, ſem irritar as partes que os continham. Peſſima he a Medicina que augmenta a cauſa da enfermidade.

Se eu naõ temeſſe ſer arguido querendo fallar como Profeſſor de huma faculdade, que poſto a eſtudem os que ſeguem a Advocacia criminal, naõ he com tudo propriamente minha em todas as ſuas partes, moſtraria áquelles Fyſicos, que methodo deviam ſeguir, ſegundo as leis da Arte; e que a fibra teſa devia ſer abrandada, e a materia viſcoſa attenuada ſó com diluentes, mas naõ com força, e conſtrangimento. Mas ſe deixo em ſilencio eſte ponto, devo quei-

queixra-me da portentoſa ignorancia de dous Medicos, que chamados para obſervar o cadaver do Padre, que morreo tiſico, como bem claro eſtá, vendo-o flexivel em todas as juntas do corpo (1), ſe enchêram de eſpanto com eſte phenomeno, e o julgáram ſobrenatural. Que loucura he eſta? Os cadaveres dos tiſicos tem os olhos vivos, o ſangue naõ endurecido, e as juntas flexiveis fóra do uſo (2). Eu que mediocremente me inſtrui nas leis da Medicina, vi, e obſervei no Hoſpital dos Incura-

(1) Os Fyſicos ſaõ taõ ignorantes até dos vocabulos da Arte, que em vez de dizerem *flexivel em todas as juntas do corpo*, dizem *flexivel em todas as partes do corpo*. (2) Lêaſe ſobre iſto Morgani de cauſ. & ſedib. morb. per anat. indagatis.

curaveis, mais de doze com os referidos phenomenos; e ahi meſmo ouvi de hum grande Profeſſor, que aſſim ficam os cadaveres dos tiſicos.

Saõ tambem indignos de perdaõ por naõ abrirem o corpo, e obſervarem em que parte eſtava o mal que naõ conhecêram. Nem ſe póde diſſimular a groſſeira ignorancia até da Oſteologia, depondo na preſença do Governador, que hum oſſo de cordeirinho, que ſe achára em caſa da viuva, deſtinado para botões, era de algum menino; e de ſorte os enganava a ſua impericia, que o determinavam pelo que chamam *radio* (1). Ainda que foſſem adeſtrados por algum ſabio,

(1) Nos Autos folh. 98.

bio, ſeriam deſmentidos na preſença do Ouvidor de Elia, ſó com dizer-lhe, que naõ conhecêram ſe aquelle oſſo era de homem, ou de animal (1) Em tudo moſtram grande ignorancia, e que delles ſe falla no livro da Sabedoria, cap. xii. (2).

Para accuſar os dous Fyſicos, réos na morte de Ferrajolo, baſta o que elles meſmos depozeram de naõ terem conhecido a doença do enfermo, ſem embargo do que, enchêram o miſeravel Padre de potagens fortes, *retundentes*, e em grande copia. Devem ſer caſtigados com a pena preſcripta pela Lei Aquilia,

(1) Nos Autos folh. 110. (2) *Exborruiſti eos, Domine, quoniam odibilia tibi faciebant per medicamina.*

lia, na qual, entre outras culpas, eſtá expreſſa a da ignorancia do Medico, com eſtas palavras: *Imperitia quoque culpae admumeratur, veluti ſi Medicus ideo ſervum tuum occiderit, quia male eum ſecuerit, aut perperam ei medicamentum dederit* (1). Aquelle *perperam* vale *imperite, temere, inconſiderate*, conforme a intelligencia de Arnoldo Vinnio. A ignorancia per ſi naõ he culpa, mas he, e grande, quando ſe dá no que exercita Faculdade que requer ſciencia (2). Dizia Caſſiodoro, que offender a ſaude do homem era culpa igual

(1) Inſt. de leg. Aquil. §. 1.

(2) L. 9. §. pen. l. item queritur. 13. §. ſi gemma §. locat. l. 5. ſervum 27. §. ſi calicem 29. ff. de t.

igual ao homicidio (1). Plinio chamou delicto capital á ignorancia dos Medicos (2). Do referido creio eu, (e ſem exaggerar) que devem ſer caſtigados os dous Doutores, porque com a ignorancia matáram o Padre Ferrajolo.

Como o Padre, que acabou tiſico, morreo ás mãos dos Medicos, naõ devem ter credito as depoſições deſtes, por ſerem ſem criterio, e porque buſcáram encobrir com a figura de maleficio os ſeus erros reprehenſiveis, e groſſeiros. Moſtrarei demais, que pelas ſuas meſmas depoſições ſe prova, que o Padre naõ morreo enfeitiçado.

Depõe

(1) Caſſiod. lib. 6. variar. inform. Comitis Archiatr. (2) Plin. lib. 29.

Depõe os dous Fyſicos, que, ſegundo o ſeu juizo, a doença do Padre Ferrajolo podia provir de cauſa natural, ou de maleficio. Digam-me os Conegos a qual das duas cauſas querem neſta dubiedade attribuir a morte do Padre. Antes que me reſpondam, attendam por hum pouco ao grande Pontifice Benedicto XIV, cuja authoridade me deſvanece de que os ha de emmudecer.

Enſinou aquelle grande Homem, que ſe deviam attribuir á natureza, e naõ á força ſobrenatural, os effeitos, que podem reſultar de huma, e outra cauſa. Eis-aqui as ſuas palavras: *Pro regula jam ſtatutum ſit non eſſe miraculo adſcribendum quidquid per*

per naturæ vires potuit obtineri. (1) Eſta ſegura regra he filha de elevada Filoſofia, regra que diariamente ſe enſina por todos os Profeſſores de Metafyſica. Se iſto naõ baſta para juſtificar a morte natural do defunto Sacerdote, devem render-ſe inteiramente os Conegos, advertindo que D. Ignacio Laruſſa, que foi chamado dias antes da morte, e lhe receitou muito, obſervando os ſymptomas do mal, aſſevera, que *naturalmente procedêra*, e com dores, que acompanham ſemelhantes doenças; e diz, que naõ julgava poderſe attribuir a morte a outra cauſa, que naõ foſſe a natural, e

H *ordi-*

(1) Bened. XIV. de Servorum Dei Beatific. lib. 4. part. 1. cap. ult. §. 24.

ordinaria, que coſtuma acontecer ao commum dos homens, ſoprendidos de tal enfermidade. O igual parecer de dous Fyſicos ſe deſtroe com o deſte Medico, pelo qual ſe prova que das duas cauſas natural, e de maleficio, ſobre cuja eſcolha ſe naõ ſouberam os outros determinar, he ſó a natural a que matou o deſgraçado Sacerdote.

CAPITULO III.

No qual ſe moſtra qual ſeja o eſpirito das Leis, que punem os Magicos, e quam calumnioſo todo o Proceſſo.

SOam nos meus ouvidos os diſcurſos dos eſtimulados Conegos, oppondo-me o Reſcripto

to de Adriano, que diz: *In maleficiis voluntas ſpectatur, non exitus* (1). Seja vã, diraõ elles, e inefficaz a Magia, porque he huma Arte ſonhada, incapaz de obrar maravilhas em damno dos homens: tenha ſido muito embora a morte de Ferrajolo natural, e procedida de tiſica: caſtiguem-ſe os Medicos, que por ignorancia o matáram: he com tudo Cecilia Faragó ré convencida na informaçaõ Fiſcal, (crem os imprudentes naõ haver dúvida niſto) por ter procurado os pós para enfeitiçar, praticado na Igreja geſtos, e tregeitos magicos, e ameaçado muitas vezes o bom Padre com maleficios, tentando dar-lhos por todos os

(1) Dig. ad Leg. cor. de ſicar. 14.

caminhos. Naõ faltou a Cecilia vontade de matar Ferrajolo, e quantos Sacerdotes ſe achavam em Soveria, e ſe naõ conſeguio o ſeu máo fim, foi por impotencia da Arte Magica, e naõ por lhe faltar o deſejo que teve, e conſervou. Se faltou o effeito, deve ſer caſtigado o peſſimo animo, e clara he a Lei que o preſcreve.

A pouca pratica que os Conegos tem das Leis Romanas, he quem os moveo a tomar por eſcudo o Reſcripto de Adriano, muito mal entendido. He preciſo ſaberem que o termo *maleficio*, tanto no Codigo, como no Digeſto, equivale a *delicto*. Aſſim ſe encontra, por exemplo, no titulo das Obrigações, e

Acções

Acçõẽs (1), *ex maleficio obligari, & quaſi ex maleficio teneri*, em lugar de *ex delicto, & quaſi ex delicta*; e no livro dos Juizos, *ſi res ex contractu veniat, non ex maleficio*, iſto he, *non ex delicto*. Achar-ſe-ha em qualquer Juriſconſulto, que ſe lêa, que eſte termo ſe toma neſta accepçaõ. Tranſcreverei a definiçaõ, que traz Hugo Donello em os Commentarios (2), o qual com clareza examina o ſeu valor, moſtran-

(1) Lib. 5. §. 1. 2. 4. 5. & ult. Dig. de O. & A. (2) *Maleficium eſt delictum, & peccatum: quae appellationes hoc differunt a crimine, quod ſpecies a genere. Delictum enim & peccatum genus, turpe admiſſum omne, quo alteri male fit, unde maleficii nomen . . .* E pouco depois: *Maleficium eſt ſpecies delicti, qua peccatur adverſus alios; neque id quovis modo, ſed qua fit aliis male, ut compoſitio, & origo verbi ſatis indicat, id eſt, qua nocemus*

&

moſtrando com as Leis, que o animo ſó naõ póde conſtituir maleficio. O Reſcripto de Adriano, que eſtá no titulo *ad Legem corn. de ſicariis*, no qual ſe falla de tudo, excepto de maleficios, quer geralmente advertir, que o facto deſacompanhado de maligno

& detrahimus alteri. E no meſmo lugar; *Eſt autem, ut ante dixi, maleficium factum omne, quo nocetur, detrahiturque quid alteri, ut enim benefacere dicimur; quum facto noſtro alii poſſumus, ita malefacere, quum facto noſtro alii nocemus. Qua ex definitione illud etiam intelligimus, & ſi quod factum noſtram inſtructum ſit ad nocendum alii, niſi tamen eo evaſerit, ut noceret nullam ex eo, tamquam ex delicto adverſus non eſſe actionem. Finge conſtituiſſe aliquem mihi injuriam facere, neque conſtitiſſe tantum in hac cogitatione, ſed conſilium ad rem conferentem adhibuiſſe qui mihi convicium faceret; ſi id factum non ſit, placet, eum quidem, qui ſumſit, mihi teneri. l. item apud §. 6. curavit, ff. de injur. Et quod hic in hac ſpecie dicitur, in omnibus aliis ſimilibus intelligendum eſt.*

ligno penſamento ſe naõ deve reputar criminoſo, e por conſequencia naõ he maleficio, e delicto. Deſta meſma maneira eſcreve o Juriſconſulto Paulo, no quinto livro das Sentenças, que nos réos *conſilium uniuſcujuſque, non factum puniendum eſt*, iſto he, o facto nú, e ſem perverſo animo, naõ merece pena alguma; mas naõ diz que deva caſtigarſe o penſamento per ſi ſó, quando lhe falta a execuçaõ, porque iſſo ſería deſtruir a regra de Direito, que anda na boca de todos: *cogitationis pœnam neminem pati* (1).

Maleficio quer dizer delicto. Houve nos tempos de Conſtantino Magno taõ grande opiniaõ de

(1) Lib. 18. ff. de pœnis.

de Magia, e taõ grande numero de inſentatos, correndo huns atraz dos outros a obrar impiedades, que o povo tomou eſte termo *maleficio*, para ſignificar (*Katécſochen* ſe explica o Grego) aquella culpa taõ ordinaria, e commua. Os Padres ſeguíram os veſtigios da linguagem popular, e concordemente uſáram daquelle termo para ſignificarem todos os erros dos Magicos, como he indubitavel a quem lê a Hiſtoria Eccleſiaſtica.

Eſtou prevendo que o douto Advogado dos Senhores Conegos me argumentará deſta maneira: Vós dizeis que naõ punem as Leis o penſamento ſó, nem neſte, nem em outro qualquer delicto; e ſuſtentais que a

Magia

Magia naõ ſeja habil a produzir effeito algum: ninguem põe em queſtaõ ſe ha Leis, que caſtiguem os réos da Magia, porque ſe lem em letras maiuſculas no Codigo, titulo de *Maleficiis, & Mathematicis, & caeteris ſimilibus.* Para que ſaõ entaõ eſtas Leis? Naõ ſaõ para caſtigar os effeitos da Magica? Porque dizeis que ſe naõ dá? Naõ ſaõ para punir os perverſos penſamentos dos que inutilmente a querem pôr em obra? Porque affirmais naõ ter pena per ſi ſó o penſamento? Dizeime: Naõ he iſto, pois, illudir as Leis? Aſſim interpretadas como poderáõ ter a ſua devida execuçaõ?

Poderia reſponder a taes objecções,

jecções, que impondo-ſe naquelle titulo do Codigo, penas, entre outros delinquentes, contra os Mathematicos (1), ſe moſtra haver nelle Leis dos ſeculos eſcuros, e ignorantes, ás quaes ſe naõ deve obſervancia neſtes illuminados. Se eu me contentaſſe ſó com eſta razaõ, e coſtume, me accuſariam os inſtruidos nas Antiguidades Romanas, de ignorancia, e ocioſidade, omittindo examinar que delictos commettiam os Magicos, que com tanta ſeveridade ſe caſtigavam, e que relaçaõ, e ſemelhança tinham com os maleficios, de que foi accuſada a noſſa

(1) *Artem Geometriae diſcere, atque exercere publice intereſt. Ars autem Mathematica damnabilis eſt, & interdicta omnino.* Leg. 2. cap. de Maleſ. & Mathem.

noſſa cliente. He de advertir que os que profeſſavam a Magia, nos ſeculos do Paganiſmo, tinham por inſtituto deſenterrar os cadaveres nos maiores horrores da noite, e fazer delles uſos nocivos; e o que ainda he mais deteſtavel, coſtumavam tirar as entranhas a hum menino vivo, e lhe ſeparavam o coraçaõ, o figado, e o baço, tendo-o antes maltratado impiamente, por muita parte da noite, com varios, e crueis modos. Lemos em Lampridio, que o inhumano Heliogabalo, o qual perdia o ſomno atraz das loucuras dos Magicos, ſe deleitava muitas vezes em ver, e obſervar as entranhas dos meninos, *exta puerilia*. Tambem lemos em huma Epiſtola de S. Diony-

Dionyſio, Biſpo de Alexandria (1), que o Imperador Valeriano fora aconſelhado dos Magicos, que para concluir alguns eſtultos deſignios ſacrificaſſe com encantos meninos recem-naſcidos. Será de honra immortal a eſte meu diſcurſo tranſcrever o que das impiedades dos Magiços ajuntou o grande Marquez Maffei, na ſua *Arte Magica Anniquilada* (2). Diz aſſim: » Eram » os Profeſſores da Magia gen- » te vil, e malvada, e que naõ » buſcavam, e tentavam ſómen- » te grandes enormidades, mas » as commettiam. Matavam com » diverſos, e inauditos modos, » procu-

(1) Refere Euſebio eſta Epiſtola na ſua Hiſtoria. (2) Maffei nell' Art. Mag. Ann. l. 1. cap. 5.

» procurando á força de horri-
» bilidades, que foſſem acredi-
» tadas as ſuas mentiras. Te-
» mos em Horacio huma deſcrip-
» çaõ particularizada, com a
» qual ſe põe á viſta huma das
» maneiras, e fórmas pratica-
» das (1). Trazem as Feiticei-
» ras, ou Magicas, como outros
» lhe chamam, hum innocente
» menino preſo, rompem-lhe a
» pretexta, e a inſignia de no-
» bre, para delle fazerem ſa-
» crificio aos infernos. Juntam
» muitas couſas eſtranhas, en-
» tre as quaes ſaõ as penas do
» nocturno paſſaro, chamado
» *Strix*. Huma dellas abre a co-
» va, na qual mettem eſte infe-
» liz menino, eſtendido de ſor-
te,

(1) Horat. Epod. 5.

» te que o anterior da cabeça,
» e corpo lhe fique de fóra.
» Enfraquecem-no, e debili-
» tam-no por longo tempo, che-
» gando-lhe perto da boca va-
» rias ſortes de manjares; e
» quando eſtá já eſpirando o a-
» brem, e lhe tiram o figado,
» e as demais entranhas. Servia
» tudo iſto para compor huma
» medicina amatoria, em ordem
» a que Canidia tornaſſe a ſer
» buſcada do ſeu galan, que a
» deixára. Advirtamos, que Ho-
» racio falla neſta occaſiaõ dos
» Napolitanos, deſcrevendo-os,
» ſegundo ſaõ hoje, crédulos
» nos enganos da Magia, e de
» caracter ocioſos.

Et otioſa credidit Neapolis
Et omne vicinum oppidum.

Pro-

Proſegue o louvado Maffei. » Temos no conciſo Diaõ, que » Didio Juliano *matára muitas crianças* para fazer encantos; e que Avito *juntava* » *por Arte Magica meninos*; para » delles fazer *crueis ſacrificios*. » Lemos em Euſebio (1), que » Maxencio coroára as ſuas maldades com a Magia, *ora abrindo as mulheres pejadas, ora* » *examinando entranhas de crianças, e obrando outros feitos* » *nefandos*, para invocar os demonios. Sparciano eſcreve, » que tivera Juliano *hæc amentia, ut per Magos pleraque faceret.* Que foſſe eſte o ſeu intento ſe vê na Tripartita de » Caſſiodoro, pois nella ſe lê, que

(1) Euſeb. lib. 7. cap. 10.

» que as ſuas feiticerias, depois
» da ſua morte *compertae ſunt.*
» Em hum Templo da Cidade
» de Carra, no qual ſecreta-
» mente tinha entrado, ſe achou
» o cadaver de huma mulher,
» pendurado pelos cabellos, cu-
» jo ventre tinha ſido por elle
» aberto; *ut Perſarum victoriam*
» *in jecore ejus inſpiceret.* Em
» Antiochia ſe acháram no ſeu
» Palacio muitas caixas *cheias*
» *de cabeças humanas, & innu-*
» *mera in puteis demerſa corpora*
» *mortuorum.* » Eſte genero de Magia he que as Leis puniam, e naõ os feitiços executados com os verſos de Babylonia. Caſtigavam-ſe as enormes maldades, que ſe commettiam na pratica daquella Arte.

Deſta

Deſta indole ſaõ, e eram os Magos, contra quem eſtá eſcrito no Codigo de Theodoſio (1). *Hos quoniam naturae peregrini ſunt feralis peſtis abſumat.* E ſe nas XII. Taboas ſe põe pena áquelles, *qui alienas fruges excantaſſint*, o que parece entender-ſe ſó dos encantos de palavras, Seneca nos adverte, que no ſeu tempo ſe deſpreſava huma Lei taõ irracionavel, e inſipida: *Rudis adhuc antiquitas credebat*, (diz elle) *& attrahi imbres cantibus, & repelli, quorum nihil poſſe fieri tam palam eſt, ut hujus rei cauſa nullius Philoſophi ſchola intranda ſit.* Naõ ſem maravilha vejo cahir na erronea credulidade do poder dos encantos ao

I enge-

(1) Cod. Theod. de Mal. l. 5.

engenhoſo Antonio Mattheus (1), cego da exceſſiva veneraçaõ das XII Taboas. Digam-me agora: em que livro ſe encontram as Leis, que punem os feitiços de hoje, com os quaes ſuppõe os crédulos, que o Magico murmurando certos numeros, e verſos, e juntando differentes hervas, poſſa matar a quem quizer? Em que lugar do Codigo criminal eſtá eſcrito, que ſe caſtiga nas feiticerias ſó o malvado penſamento?

Se em lugar dos luminoſos tempos, em que vivemos, correſſem os infelices, nos quaes ſe tinham por oraculos as Diſpoſições do Jeſuita Flamengo Marti-

(1) Matth. de crim. com. ad lib. XLVII. Dig. tit. 11. cap. 1.

Martinho Del-Rio; tempos, em que ſe lia com goſto, quanto ſonhâram Nicoláo Remigio, Joaõ Nider, Nicoláo Jacquerio, e mil outros, igualmente ſophiſtas que fanaticos, pouco eſperaria a minha cliente; mas hoje tem a miſeravel accuſada razões para crer que o Magiſtrado, que ha de rever eſta cauſa, confirme o decretado na Audiencia, e ponha freio á maldade da accuſadora, e daquelles, que maquinam a accuſaçaõ, ſubminiſtrando dinheiro com mão larga: taõ grande he o cuidado que os move a fomentar a triſteza, ou a ruina da viuva! Moſtrarei ao ſupremo Tribunal, para complemento deſte terceiro capitulo, que dos meſmos

Autos ſe moſtra evidentemente, e de maneira que ſe naõ póde duvidar, a indigna calúmnia, que tecéram á minha conſtituinte.

Deſcobre-ſe primeiramente neſta fabula pernicioſa a falta de cauſa (1), pois naõ ſó naõ he grave, e proporcionada ao delicto, de que ſe trata, mas nem ainda leve. Pertendem que a viuva, pelo odio concebido contra o Clero de Soveria, ſe determinaſſe a matar com feitiços

(1) A neceſſidade de ſe apurarem nos delictos as cauſas graves, e proporcionadas ás ſuas qualidades, ſe demonſtra univerſalmente por todos os Criminaliſtas, entre os quaes ſaõ: Zuff. de Crim. Proceſſ. legitim. l. 1. q. 66. n. 1. e 2. Major. in opopr. c. 9. n. 16. 161. e 162. Sabell. in pract. uni. V. Sicarii, & Thorus in c. rer. judicat. caſu 54. n. 20.

tiços á todos os Sacerdotes, e que principiaſſe com *ſortilegio*, com o qual querem que morreſſe o Sacerdote Ferrajolo. Oh quaõ imperitos, e ineptos devem ſer os Senhores Conegos, que com engenho miſeravel produzíram taõ futeis penſamentos, e taõ mal fundados! André Gareri, filho da viuva, conſtituio ſeu herdeiro fideicommiſſario ao Conego Biamonte, e executor do Teſtamento ao famoſo Vecchiti; eſtes ſaõ os que ſe aproveitáram da herança para o legado de Miſſas; eſtes os que com maõ roubadora uſurpáram os bens da viuva, e lhes põe mil obſtaculos nos tribunaes, a que recorre obrigada da neceſſidade: e he crivel que a viuva

ſe

ſe encolerize, e encha de odio contra Ferrajolo, e lhe maquine a morte, ſó por ſer hum Sacerdote de Soveria? Contra os dous Conegos, que lhe tirâram a ſua fazenda, e com tanta injuſtiça, naõ ſe move, nem ſe determina a compor pós de maleficio; e vem a fazello contra aquelle, que nunca a ameaçára, nem apparecêra em Juizo, e que era talvez de todos os Padres o que menos a podia prejudicar? Até carece eſta mulher das luzes, e ſentimentos, que a Natureza vulgarmente reparte; pois quer matar a todos os Padres do ſeu paiz com maleficio, e trabalha hum anno inteiro contra o que menos lhe devia excitar a colera, e furor.

Que

Que tempo lhe naõ era preciſo eſperar para effeituar huma taõ grande mortandade? Póde alguem imaginar que o deixar ſeu filho hum legado de Miſſas para o commum dos Sacerdotes de Soveria, poſſa ſer cauſa grave, e proporcionada para ſe enfurecer taõ dura, e cruelmente contra Ferrajolo, vivendo tranquilla, e branda, ſem ſe ſervir de maleficio contra os dous Conegos ſeus inimigos, e que a reduzíram a morrer de amargura, e colera? Póde dar-ſe, ou fingir-ſe mulher mais neſcia do que eſta, como na inſipida, e inveriſimil fabula ſe repreſenta pelos dous temerarios impoſtores? Saõ pilulas eſtas de tanta grandeza, que naõ haverá gor-

gomi-

gomilo, por onde paſſem.

Vamos ás outras inveriſimeis circunſtancias, que acompanham a calúmnia. Morreo André Gareri em 1766, e deſde entaõ começa a viuva a ameaçar com maleficios, porque lhe atormentava o coraçaõ ver os ſeus bens nas mãos alheas. Paſſa todo o anno ſeguinte, e a viuva naõ ſó naõ executa as ameaças, mas nem ainda profere aquellas vozes, que primeiramente lhe dictára o ſentido. Paſſa depois longo tempo, e nada de novo accreſcenta. Vem em fim o Setembro de 1768, e entaõ he que faz compor os pós com maleficio, os manda lançar ſobre Ferrajolo, e o enfeitiça. Pergunto á authora da quérela, e

aos

aos que ſe eſcodem com a ſua capa : por que motivo , depois de hum intervallo de tempo taõ conſideravel , que per ſi baſtaria a apagar o mais feroz reſentimento , ſe reſolve ſubitamente a viuva a pôr em execuçaõ os ſeus antigos deſignios , ſervindo-ſe dos maleficios com que ameaçára ? Nem a authora , nem os ſeus fautores ſaberáõ reſponder-me , mas quereráõ perſuadir , que ſe naõ deve fazer caſo deſtas minucias. Aſſim nomearám as minhas reflexões.

Que mal digeſta he a fabula , ſobre que ſe fundou a queréla ! Pertendem que Cecilia Faragó , eſtando de joelhos na Igreja , enfeitiçára com o movimento dos beiços , dos olhos , e com

com as orações, que dirigia ao Altar, a Ferrajolo, que cantava ao orgão. Querem perſuadir que no meſmo lugar, em que o Padre fôra enfeitiçado, e onde tudo eſtá ſeguro pelo Pam Euchariſtico, ſe lhe mudára de repente a voz, por effeito do que a viuva obrava. Mas como ſaõ neſcios! Se he verdade, que Cecilia era taõ provecta na Magia, que podia ſó com os geſtos, e até com os olhos, cauſar damno na vida de Ferrajolo, como dá por certo a engraçada narraçaõ ter Cecilia buſcado em Catanzaro o favor de Anna Scarcello, para que eſta lhe compozeſſe os pós, de que tantas vezes tenho fallado? Aos inimigos da viuva aconteceo o meſmo

meſmo ; que Marcial refere de huma velha , a qual juntando dous venenos para violentamente matar a hum mancebo , naõ padeceo eſte , na vida , ou ſaude , damno algum , por ſerem os venenos antidoto hum do outro. No Proceſſo ſe acha , que era voz conſtante ſer Cecilia Faragó huma famoſa Feiticeira ; mas no meſmo Porceſſo ſe nos diz , que querendo enfeitiçar , buſcára quem ſoubeſſe fazer maleficios (1). Em outro lugar do Proceſſo (2) lemos que Cecilia tinha o poder de ir de noite , ſobre os ventos , ás nozes de Benevento ; (que bello prazer !) mas no meſmo Proceſſo ſe aſſevera , que naõ ſabendo compor

(1) Folhas 154. (2) Folhas 182.

compor os pós, buſcára Scarcello para os fazer; ou como ſuſpeita Nicoláo Taverna (1), os mandára a viuva fabricar por hum certo homem, que ganhava ſua vida com as viboras, o qual eſtivera por dous dias em ſua caſa. Encontra-ſe em huma parte do Proceſſo, que Cecilia enfeitiçára ſó com o movimento dos beiços, e com os olhos, a Ferrajolo, como ſe vio nos effeitos prodigioſos; mas em outra parte ſe pinta Cecilia cheia de cuidados, e ancias, procurando quem lance os pós nos veſtidos do Padre; pós que ella comprára.

Obſervemos como a fatua Roſſetti melhora de eſpaço a eſpa-

(1) Folhas 126.

eſpaço a ordem, e circunſtancias da calúmnia. No primeiro requerimento, que faz ao Preſidente da Audiencia (1), ſó diz, que querelava de Faragó, porque publicamente ſe fallava, que ella fôra a cauſa da morte de ſeu filho; mas depois na depoſiçaõ que fez, ante o Ouvidor Commiſſario, depõe, *ex cauſa ſcientiae*, huma longa ſerie de factos, que diz foram ſempre notos, e claros; e entre elles as maldições contra ſeu filho, e os Sacerdotes do Lugar. Expõe depois, que da prudencia de Ture, ſua viſinha, ſoubera que Cecilia mataria ſeu filho com maleficios; e declara, que na ſua preſença ſuccedêra na

(1) Autos folhas 2.

na Igreja a repentina rouquidaõ por maleficios da viuva; e conta miudamente como algus dias antes de morrer ſeu filho, mandára por Felicia Jona rogar a viuva para que desfizeſſe os crueis feitiços. Além de tudo ſe contradiz Roſſetti tambem, quando expõe nas informações apreſentadas á Juſtiça do Lugar (1), que eſtando ſeu filho ao orgão na Igreja, ella, que eſtava preſente, ouvíra proferir á viuva contra Ferrajolo pragas, e blasfemias, entre as quaes era eſta: que mais naõ podeſſe cantar Miſſa, daquelle dia em diante: porém na depoſiçaõ juridica affirma, que preſenceára que eſtando ſeu filho ao orgão, bulia

(1) Aut. fol. 6. a. t.

bulia a viuva com os beiços, como quem rezava, *mas de maneira que ſe lhe naõ podia entender palavra* (1)

Todo o Proceſſo he hum montaõ de indiſcretas ficçõẽs. Acharam-ſe em caſa de Cecilia Faragó unguentos, hervas, mineraes, e eſpecialmente hum embrulho com ſalſa ſolutiva, outro com pedra hume de roca, altéa, enxofre, incenſo, maſtruço, e ſabina. He iſto no ſentir da querelante hum indicio grave do crime de maleficios; e ſe crê o uſo de tantas hervas, e unguentos, couſa de Magia. Os dous Medicos, de quem tenho feito honrada memoria, examinando os ſimplices,

(1) Autos folhas 63.

ces, aſſentáram que a ſabina era ſó propria para fazer *abortar*, e para outros uſos, todos malvados. Eu me naõ maravilho, de que caiam em ſemelhantes erros, porque tendo-ſe moſtrado ignorantes em couſas triviaes da Fyſiologia, como podiam ter os miſeraveis voto na Botanica? Podiam aprender por qualquer Author deſta Faculdade, que a ſabina he huma planta calida, ſecca, aperitiva, e que adelgaça, a qual ſim tem muitas vezes feito ſahir o feto, mas a ſua virtude principal he excitar o menſtruo, curar as enfermidades que provém da craſſidaõ dos humores: e podiam aprender de Boerhaave, que tem virtude para matar as lombri-

lombrigas. O uſo innocente dos outros ſimplices he taõ trivial, que até o naõ ignoram as mulheres. A falſa ſolutiva ſaõ huns pôs feitos de falſa parrilha, folhas de ſene, e outras: o ſeu meſmo nome a declara purgativa. A pedra hume de roca he boa para as excreſcencias, que vem ás palpebras; para as moleſtias da boca, e dos ouvidos (1). A altéa he planta emolliente, que ſerve para os ardores da ourina, para a pedra, e para os humores acres, e corroſivos (2). O maſtruço tem as ſementes, e folhas calidas, cheias de acrimonia, e que por eſte motivo alimpa, abre, e a-

(1) Dioſcorides lib. 5. cap. 12. (2) Lemeris delle Droghe.

delgaça, e ſe uſa muito nos tumores do baço, e no eſcorbuto. Creio ſer ſuperfluo fallar do incenſo, e do enxofre, de que todos fazem mil uſos. Como ſaõ pois eſtes ſimplices ſó proprios para maleficios? Nunca veio á cabeça do fatuo Jeſuita Martinho Del-Rio, Author de immenſas puerilidades, nas ſuas Diſquiſições Magicas, hum penſamento taõ inſulſo.

Antes de finalizar eſte meu diſcurſo, naõ deixarei em ſilencio, que a Audiencia de Catanzaro mandou, que ſe tiraſſe neſta cauſa informaçaõ ſobre a verdade dos factos (1), e além diſto ordenou com eſpecialidade que

(1) Folhas 41.

que ſe devaſſaſſe (1) da calúmnia, de que a viuva ſe queixára. Apreſentou a deſgraçada em Juizo as ſuas inſtrucções; pedio, e eſperou o cumprimento das ordens; porém o Ouvidor Commiſſario, a quem ſe commetteo a execuçaõ, illudido pelo Procurador charlatam, naõ deo execuçaõ ás ordens, a que promptamente devia obedecer, nem examinou huma ſó teſtemunha de quantas offereceo a minha cliente. Em fim, tem commettido taõ grandes nullidades, que nem a vehemente eloquencia de Demoſthenes ſería baſtante a deſculpallo. Outras mais nullidades exporia, e em particular a que o Ou-

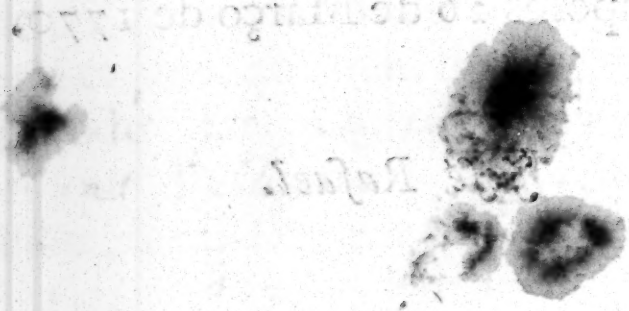
(1) Folhas 230.

o Ouvidor commetteo naõ examinando a numeroſa copia de teſtemunhas, citadas á inſtancia de Victoria Roſſetti; mas tudo omitto por brevidade.

He muito impudente, e deſaforada a impoſtura maquinada contra a viuva. Accuſáram-na de hum crime, que nem houve, nem ſe póde dar. Quizeram perſuadir que Ferrajolo, que morreo tiſico, acabára por maleficio; e fabricáram hum Proceſſo, cumulo na verdade de malvadas mentiras. Trasluz por toda eſta cauſa a miſera innocencia opprimida. Naõ he tudo o que acabo de expor hum grande motivo para crer, que o Tribunal ſuperior punirá a facinoroſa accuſadora, e juntamente os dous

Medi-

Medicos, matadores de Ferrajolo? Naõ devo eſperar tambem, que dará prompta, e ſaudavel providencia na oppreſſaõ da affligida viuva?

Napoles 26 de Março de 1770.

Joſé Rafael.